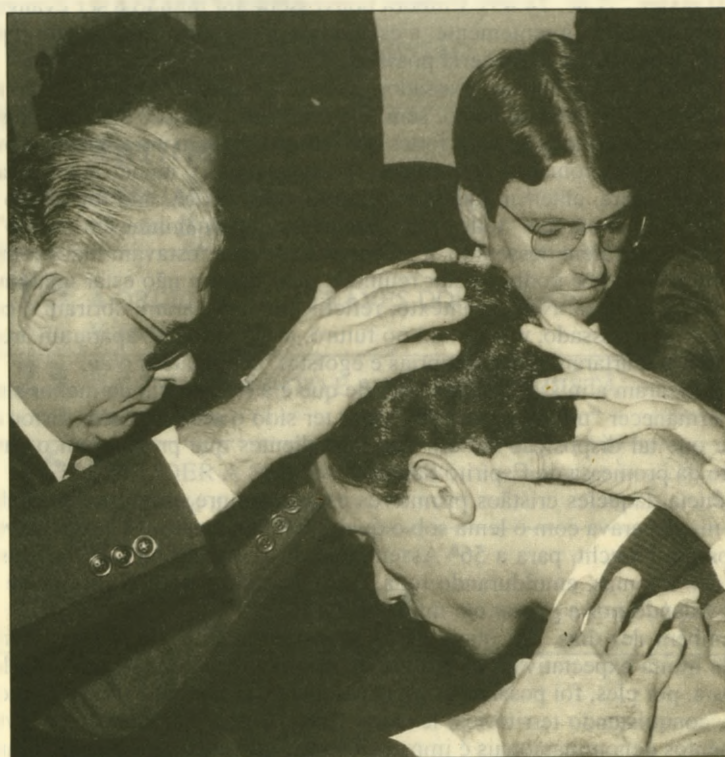


---

# MINIS/ÉRIO

---

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



## A ORDENAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS

## DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

# Unidos em Cristo

Durante dez dias, eles esperaram em Jerusalém, conforme a ordem do Mestre – “Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai: permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.” (Luc. 24:49). Embora houvessem um mundo a ser evangelizado e uma Igreja a ser consolidada, urgentemente, a espera era necessária. Afinal, sem o prometido poder do Espírito Santo, nada disso seria possível.

Todos sabemos o que aconteceu, passados aqueles dez dias. O Espírito Santo manifestou-Se maravilhosamente, e, a partir de então, sem que tivessem qualquer sinal de prestígio político, aqueles 120 irmãos mostraram-se mais fortes que o Sinédrio. Sem um soldado, provaram-se mais poderosos que as legiões romanas. Na verdade, revolucionaram o mundo com o evangelho.

O período de espera, anterior àquela explosão evangelística, não foi vivido em ociosidade. O relato sagrado anota que “todos estes perseveravam unânimes em oração” (Atos 1:14). Chama-me a atenção, além desse fato, a informação de que “estavam todos reunidos no mesmo lugar” (Atos 2:1). Até podiam estar reunidos num lugar e não estar unânimes. Mas estavam reunidos e unânimes. Nesse contexto, refletiram, dialogaram, abriram o coração um ao outro, reavaliaram o passado, meditaram no futuro, possivelmente apararam arestas, eliminaram discórdias, descartaram idéias próprias e egoístas, subjugaram o *eu*.

Enfim, priorizaram a missão, conscientes de que ela fracassaria ao menor sinal de divisão entre eles. Permanecer “unidos em Cristo” deve ter sido o seu propósito. Estou absolutamente seguro de que tal disposição foi um dos ingredientes que prepararam o caminho para o cumprimento da promessa do Espírito Santo.

A experiência daqueles cristãos primitivos estava sempre presente em minhas reflexões, sempre que me deparava com o lema sob o qual 2.650 delegados da Igreja Adventista estiveram reunidos em Utrecht, para a 56ª Assembléia da Associação Geral, alguns meses atrás. Escrito em dez idiomas, emoldurando toda a extensão do palco, lá estava ele – *Unidos em Cristo* – convidando-nos a pensar em muitas coisas.

Foram também dez dias, nos quais foram discutidas muitas questões, algumas das quais revestidas de muita expectativa, em virtude de sua natureza controvertida. Relatórios foram apresentados e, por eles, foi possível comprovar que a Igreja marcha consciente de seu papel missionário, conquistando territórios, levando Cristo aos pecadores. O envolvimento de todos os segmentos denominacionais é impressionante. Os resultados têm sido fantásticos.

Mas em meio a tudo isso, parece outra vez soar aos nossos ouvidos a recomendação de Cristo: “Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai: permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.” Sim, porque os maiores desafios ainda estão à nossa frente, assim como as maiores e mais emocionantes vitórias. Como os primeiros discípulos, necessitamos recolher-nos em oração, preparando o caminho para receber o cumprimento da promessa que nos tornará capazes de concluir a obra por eles iniciada – o mesmo poder abundante do Espírito Santo.

Acontecimentos de real magnitude estão tendo lugar ao nosso redor. Ventos que prenunciam violenta tempestade já estão soprando. A seara está madura. A ceifa se aproxima. A vitória está assegurada. Iremos desfrutá-la, todos nós, ministros, oficiais e membros, que, deixando de lado as diferenças, ruínas suspeitas e ambições egoístas, concentrarmos nosso pensamento e visão na Missão Global. Orando, planejando e agindo, “Unidos em Cristo”.  
– Zinaldo A. Santos.

# MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreros

Ano 66 – Número 06 – Nov./Dez. 1995 – Periódico Bimestral  
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

## DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

- 2** UNIDOS EM CRISTO  
*Zinaldo A. Santos*
- 

## ENTREVISTA

- 4** O ALVO É CUMPRIR A MISSÃO  
*Rui H. Nagel*
- 

## ARTIGOS

- 8** EM SUAS MÃOS  
*Charles E. Bradford*
- 

- 13** A ORDENAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS  
*V. Norkosv Olsen*
- 

- 23** O CONHECIMENTO E A FILOSOFIA CRISTÃ  
*Marcos Silva*
- 

- 26** UM LIDER A SER IMITADO  
*José Maria dos Santos*
- 

## PASTOR

- 28** COMO SE FAZ UM PASTOR  
*Zinaldo A. Santos*
- 

## AFAM

- 31** A TOCHA  
*Vasti Viana*
- 

- 32** BIBLIOTECA DO PASTOR
- 

**Diretor Geral:** Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Chefe de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefte Carvalho; Moisés Batista de Souza. **Capa:** William

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.  
**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**  
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuf, SP.

3046

# O alvo é cumprir a missão

*Nascido em Porto Alegre, RS, o Pastor Rui H. Nagel foi eleito presidente da Divisão Sul-Americana, na última assembléia da Associação Geral, realizada em julho, na cidade de Utrecht, Holanda. Até essa ocasião, ele exerceu o cargo de tesoureiro da mesma Divisão, durante 15 anos.*

*Casado com a irmã Evelyn Nagel, o Pastor Rui formou-se em Teologia no Instituto Adventista de Ensino, em 1962, e no ano seguinte iniciou suas atividades como pastor distrital, na cidade de Porto Alegre. Depois de dois anos nesse trabalho, serviu como departamental de Expansão Patrimonial do Campo gaúcho, função desempenhada até 1967, ano em que foi ordenado ao Ministério. Em seguida foi para a antiga Missão Brasil Central como tesoureiro.*

*Posteriormente, ocupou a mesma função no Hospital Adventista de São Paulo, União Norte-Brasileira, quando também acumulou o cargo de diretor administrativo do Hospital Adventista de Belém. Depois foi diretor administrativo do Hospital Adventista Silvestre, no Rio de Janeiro.*

*De Brasília, DF, o novo presidente da DSA concedeu a seguinte entrevista:*

**MINISTÉRIO:** *Como o senhor recebeu a indicação para ser o presidente da Divisão Sul-Americana?*

**RUI NAGEL:** *Vejo tudo como uma responsabilidade que a Igreja me confere, e que eu aceito fazendo minhas as palavras do Pastor Folkenberg, no momento de sua reeleição como presidente mundial da Igreja: "ninguém é suficientemente inteligente para dirigir esta Igreja. Ela é a Igreja de Deus, e eu sou humano e falho. Mas a graça de Deus me sustera, para que eu possa fazer o melhor." Desde quando alguém se torna obreiro, deve estar disposto a fazer qualquer tra-*



*Pastor Rui Nagel.*

*balho para o qual é indicado. Não era meu desejo pessoal assumir a presidência da Divisão, mas não posso dizer não a Deus e à Igreja. Alegro-me de poder fazer algo pela Causa de Deus, e espero que esse seja o sentimento de cada irmão.*

**MINISTÉRIO:** *Quais são as prioridades e os alvos para o novo quinquênio?*

**RUI NAGEL:** *A grande prioridade continua sendo a mesma – a Missão Global e a terminação da Obra. Não*

*existe outro programa. Nossa prioridade será a complementação do programa Missão Global até o ano 2000. Nesse contexto, existem aspectos muito interessantes que receberão ênfase. Em relação ao Brasil, por exemplo, destaco nossos programas de rádio e TV. Na noite do dia 11 de agosto, pela primeira vez, tivemos nossas transmissões de rádio, ao vivo, via satélite, para todo o Brasil. Penso que isso é um grande avanço e deve merecer nossa ajuda e nosso apoio. Além disso, um grupo de pessoas, entre elas vários empresários, está trabalhando com muito entusiasmo para adquirir um canal de televisão. Creio que somente assim conseguiremos pregar o evangelho a todo o mundo. Mas não vamos esquecer os demais programas da Igreja.*

*Os alvos da Missão Global continuam. Trataremos de penetrar em todos os municípios, cidades, bairros e vilas que ainda não têm a presença adventista.*

**MINISTÉRIO:** *Ao que parece, o senhor esteve pouco tempo na chamada "linha de frente" ministerial. Isso lhe preocupa, ao assumir a presidência da DSA?*

**RUI NAGEL:** *É verdade que estive pouco tempo no pastorado direto, com a responsabilidade de cuidar de igreja. Mas em todos os lugares onde trabalhei, sempre estive envolvido diretamente com as atividades de uma*

igreja. Foi assim em São Paulo, Belém, Rio de Janeiro e aqui em Brasília. Sempre estive ligado à liderança de uma igreja, como primeiro ancião, e, assim, não tenho preocupação nenhuma. Sei o que é ser pastor de igreja, porque vivi essa condição diretamente no meu trabalho, por dois anos. Isso além da experiência administrativa em um Campo local. Quero sempre estar envolvido com a igreja, e fazendo o meu melhor, para que jamais perca o sentido de "linha de frente" denominacional.

**MINISTÉRIO:** *E a equipe com a qual o senhor trabalhará?*

**RUI NAGEL:** Bem, houve algumas modificações na equipe da Divisão Sul-Americana e novas pessoas estão chegando. Temos um novo secretário, o Pastor Roberto Gullón, um homem de larga experiência. Foi pastor de vários distritos, presidente de dois Campos na Argentina, presidente da União Incaica, secretário da União Austral e, ultimamente, por vários anos, diretor geral da Casa Editora Sudamericana, em Buenos Aires. É um homem que durante todo o tempo, quando trabalhando em instituições, também sempre teve a preocupação de ser pastor de alguma igreja. Nasceu na Espanha, mas formou-se na Argentina. Creio que será um excelente companheiro de trabalho e a Igreja receberá muita inspiração por sua dedicação à Causa.

Para a tesouraria, está chegando o Dr. Alípio Bernardo da Rosa. Ele começou seu ministério em Campo Grande, MS, como caixa, contador e tesoureiro da antiga Missão Mato-Grossense. Posteriormente, foi para o Hospital do Pênfigo, onde trabalhou durante oito anos. Transferido para o Hospital Silvestre, esteve na liderança daquela instituição e ao mesmo tempo do Grupo Hospitalar, nos últimos 17 anos. Acredito que sua experiência e capacidade serão de grande ajuda aqui na DSA. É um homem totalmente identificado com o programa da Igreja.

Os novos departamentais são obreiros de grande experiência e preparo para a missão que lhes foi confiada.

**MINISTÉRIO:** *Como o senhor avalia os resultados da última assembleia da Associação Geral?*

**RUI NAGEL:** Para fazer uma avaliação dessa natureza, necessitamos ter em mente o objetivo que a Associação Geral tinha para a reunião em Utrecht, ou seja, conseguir uma participação bem maior e mais efetiva de nossos irmãos do Leste europeu.

Se você levar em conta esse fato, temos de admitir que a última assembleia da Associação Geral foi realmente um acontecimento muito agradável na história denominacional. Pela primeira vez, aqueles irmãos, que no passado estavam quase isolados do contexto mundial da Igreja, tiveram a oportunidade de participação, de ver e ouvir o que é a Igreja mundial. Quem esteve lá pôde constatar a maravilha desse fato. Nesse caso, creio que a última assembleia foi uma bênção, algo muito feliz para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

**MINISTÉRIO:** *Uma das decisões tomadas foi a redução do número de delegados para futuros encontros. O senhor acha válida essa medida?*

**RUI NAGEL:** Eu acho que a medida da redução do número de delegados foi bastante acertada. Não era mais possível continuar aumentando o número de delegados de acordo com o crescimento da Igreja. A cada dois anos e meio, acrescentamos cerca de um milhão de novos membros à Igreja. Se continuarmos nessa proporção, na próxima assembleia teremos acrescentado pelo menos mais quatro milhões de membros. Então o número de delegados seria infinitamente grande, dificultando, em muito, a realização do evento, além do elevado custo para a Igreja.

**MINISTÉRIO:** *Como o senhor vê a recomendação para maior participação leiga e de obreiros de "linha de frente", como delegados?*

**RUI NAGEL:** Vejo-a de uma maneira muito positiva. Nós, aqui na Divisão Sul-Americana, estamos tendo uma participação de leigos cada vez maior na estrutura, nas Mesas, nos diálogos e nas reuniões que estamos realizando. O pensamento é aumentar a participação leiga e da "linha de frente". Sinto que isso é muito positivo, porque não acredito que os obreiros da administração tenham maior interesse pela Igreja do que o têm nossos irmãos leigos, pastores distritais, professores, etc. Trabalhando juntos, realizaremos muito mais.

**MINISTÉRIO:** *Qual a sua opinião sobre o desfecho das discussões a respeito da ordenação da mulher?*

**RUI NAGEL:** A decisão final de não ordenar mulheres foi uma decisão da Igreja. Nas discussões levadas a efeito, em ocasiões anteriores e agora em Utrecht, houve uma manifestação da Igreja mundial, no sentido

de não efetivar a prática. Aliás, é bom lembrar que a análise do tema foi motivada pelo pedido formulado pela Divisão Norte-Americana, no sentido de que a Associação Geral, em assembléia, tomasse um voto liberando cada Divisão mundial para ordenar, caso desejasse, e de acordo com a necessidade, mulheres ao Ministério. Mas, tenho para mim mesmo que a resposta negativa foi a decisão mais acertada e sábia que poderia ser tomada pela assembléia. Nossa posição deve ser de respeito e apoio à deliberação.

**MINISTÉRIO:** *Quão importantes, a seu ver, são o crescimento do Ministério da Mulher e o envolvimento de empresários, para a missão da Igreja?*

**RUI NAGEL:** Acho que o crescimento do Ministério da Mulher é uma coisa já esperada, e será muito bom se todos nós aceitarmos isso com naturalidade. Não se trata de algo sobrenatural, inventado ou criado agora. Encaro o fenômeno apenas como o desenvolvimento de uma boa parcela – talvez a maior parcela da Igreja – também engajada na linha de frente do trabalho denominacional. Acho que isso vai produzir seus resultados. Esse ministério foi apoiado por aqueles que nos precederam e continuará tendo o nosso apoio.

Também temos tido reuniões com empresários, temos conversado com muitos deles. São encontros agradáveis, proveitosos, de troca de informações. Nosso propósito é continuar trabalhando com eles, dialogando, e contar com sua participação a fim de que todos juntos possamos cumprir a Missão Global.

**MINISTÉRIO:** *O senhor acha que o ministério adventista, hoje, corresponde às expectativas de um mundo em constante mudança?*

**RUI NAGEL:** Bem, creio que a nossa expectativa a respeito do ministério adventista, nos dias atuais, significa um grande desafio a todos os pastores. Vivemos num tempo em que as mudanças estão ocorrendo em uma velocidade acima do normal. Isso requer do ministério adventista uma busca constante de atualização, e uma dedicação especial para cumprir sua tarefa. Entendo que, diante dessa expectativa, todos nós vivemos trabalhando e tentando fazer o melhor, para que a Igreja seja alimentada e as pessoas sejam alcançadas em todas as classes.

**MINISTÉRIO:** *Qual o seu perfil de um*

*pastor de sucesso?*

**RUI NAGEL:** Para mim, o pastor de sucesso é aquele que consegue alimentar bem sua igreja e mostrar a ela o caminho da salvação em Cristo Jesus. O grande pastor é aquele que realmente conhece as ovelhas e suas necessidades, e que está sempre presente ao lado delas. Esse é um aspecto de grande importância, pois o pastor que não conhece seu rebanho dificilmente terá condições de alimentá-lo e satisfazê-lo corretamente. Além de alimentar o rebanho, pregando sermões bíblicos e visitando nos lares, o pastor de sucesso instrui, orienta e capacita a igreja, levando-a a partilhar a fé com outras pessoas. O pastor vai lado a lado com os irmãos.

**MINISTÉRIO:** *Em algumas regiões, o alvo de batismo é bastante enfatizado como fator de avaliação do êxito de um pastor. Noutras, nem tanto. Qual sua opinião sobre isso?*

**RUI NAGEL:** Tenho a impressão que a questão do alvo de batismo tem sido bastante discutida e debatida. Ela tem dois lados. Num deles está a realidade de que o pastor deve ter um objetivo a perseguir. Creio que foi Kissinger quem disse: “quem não sabe para onde vai, qualquer caminho o levará a lugar nenhum.” Assim, se o pastor não tem um objetivo definido em seu trabalho, não vai mesmo chegar a lugar algum. Nesse caso, o alvo é necessário para que haja um objetivo. Por outro lado, fazer do alvo a prioridade única, a coisa principal do trabalho, enfatizando unilateralmente o aspecto quantitativo, é um equívoco. Nesse sentido, tenho a impressão de que a melhor coisa é que haja um ponto de equilíbrio. O alvo que, como incentivo, nos aponta onde queremos chegar é saudável. O alvo como prioridade única, ou questão de vida ou morte, é prejudicial.

**MINISTÉRIO:** *Como o senhor vê a Igreja, no limiar de um novo século?*

**RUI NAGEL:** Eu acho que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem cumprido o seu papel, embora a meta seja sempre avançar mais e mais. Estamos no caminho certo, com a mensagem certa para uma hora certa. Agora, mais do que nunca, a Igreja deve defender e viver os princípios que sempre viveu no passado, e, à medida que nos aproximamos do fim, cada vez mais empenhar-se em desincumbir-se da missão recebida do Mestre. Deus não tem outro plano para evangelizar o mundo, a

não ser através do Seu povo e da Sua Igreja. Por isso temos de continuar na senda do dever, para que a tarefa seja concluída em nossos dias.

**MINISTÉRIO:** *Em tempos de "Qualidade Total", o senhor concorda em que haja paradigmas administrativos que devam ser mudados na Igreja?*

**RUI NAGEL:** Existem certas coisas que podem ser mudadas no âmbito administrativo. Acho que a estrutura administrativa da Igreja não é algo como um princípio bíblico inamovível, algo como uma doutrina basilar. No entanto, não vejo necessidade imediata de se fazer grandes modificações no modelo administrativo atual. De vez em quando, pequenas correções têm sido feitas, pequenos regulamentos têm sido mudados, mas, no sentido geral e de qualidade total, creio que a linha que a Igreja tem seguido ultimamente é uma linha correta, e que nos conduzirá ao vitorioso momento final. É verdade que à medida em que o mundo vai se transformando, também nós, em algumas coisas, temos que fazer reavaliações. Quando for preciso mudar, devemos ter a coragem de fazê-lo sem afetar nenhuma doutrina de nossa Igreja.

**MINISTÉRIO:** *A Associação Bahia, por exemplo, implantou um novo modelo administrativo cujos resultados, segundo os líderes, são positivos. O que o senhor acha dessas tentativas?*

**RUI NAGEL:** Eu acho que o que foi feito na Associação Bahia precisa ser estudado e analisado. Este ano, pelas informações que recebemos, aquele Campo fará uma das maiores colheitas evangelísticas de sua história. Acredito que tudo aquilo que vai bem e que se mostra um sucesso, deve ser considerado e analisado. Nesse processo, talvez até sejam necessárias algumas correções. Mas, num sentido geral, pode até ser experimentado por outros Campos. Antes da próxima assembléia trienal da Associação Bahia, faremos a primeira avaliação real do programa ali implantado. Somente então teremos condições de dizer um pouco mais a respeito do que tem sido realizado nos últimos quatro anos.

**MINISTÉRIO:** *Parece que a ênfase na-quele modelo de evangelismo público tradicional não é a mesma. Está ele ultrapassado?*

**RUI NAGEL:** Não creio que o evangelismo público, em seu sentido geral, e como nós o entendíamos no passado, desde os tempos do Pastor Schubert, tenha sofrido

grandes modificações. Acho que ele deve continuar existindo. Mas, paralelamente a esse tipo de empreendimento missionário, também deve existir e ser apoiado o evangelismo pessoal, realizado pela igreja local. É fundamental o envolvimento da igreja no programa de evangelismo. A igreja que está envolvida no trabalho de salvação de almas é uma igreja feliz, que se prepara melhor para o encontro com Jesus.

**MINISTÉRIO:** *Como a Divisão Sul-Americana pretende investir no preparo e capacitação do ancião de igreja?*

**RUI NAGEL:** Os anciãos de nossas igrejas são parte da Associação Ministerial, e para eles está sendo preparada uma ajuda muito especial, a ser lançada a partir do mês de dezembro. O assunto está nas mãos do Pastor José Viana, secretário ministerial associado, e estou certo de que o material que ele está apresentando é realmente de primeira grandeza. Todo ancião que tiver acesso a ele estará entrando em contato com o melhor que já foi produzido aqui na América do Sul, nesta área de ação. Será oferecido em formato de pasta, livro, fita para videocassete, enfim, todas as formas que contribuam para o melhor preparo de nossos anciãos.

**MINISTÉRIO:** *Que doutrinas o senhor acha que deveriam ser mais enfatizadas no púlpito adventista?*

**RUI NAGEL:** Todas as doutrinas que nos fazem pensar na volta de Jesus e em nossa responsabilidade para este tempo, deveriam ser enfatizadas. A verdade é que hoje, diante de todos os sinais, temos pregado menos sobre a volta de Cristo do que deveríamos fazê-lo. Creio que essa é uma das doutrinas que deveríamos enfatizar um pouco mais. Nossa fidelidade para com a guarda do sábado deveria também ser melhor enfatizada. Nossas doutrinas relacionadas aos acontecimentos finais devem ser repetidas e relembradas, a partir do púlpito. Mas, no sentido geral, entendo que nossos pregadores têm o dever e a preocupação de preparar um povo para encontrar-se com seu Senhor.

**MINISTÉRIO:** *Uma mensagem para o ministério adventista brasileiro.*

**RUI NAGEL:** Oremos, trabalhemos e continuemos unidos para finalizarmos a Obra de Jesus Cristo. Anseio que isso possa ser conseguido em nossos dias, e que, quando Ele voltar, cada um possa ser achado fiel no cumprimento do seu dever, juntamente com os membros da Igreja.

# Em Suas mãos

CHARLES E. BRADFORD

Pastor, escritor, ex-evangelista e ex-presidente da  
Divisão Norte-Americana da IASD.

A preparação de um sermão requer atenção cuidadosa, não podendo ser desprezados os planos macro, micro, universal e particular. Às vezes necessitaremos apresentar o panorama completo do plano da salvação, pintando-o com um grande pincel. Noutras vezes, teremos de centralizar-nos apenas nos detalhes.

Usaremos, neste artigo, o capítulo cinco de Apocalipse como modelo do preparo de um sermão. Ele nos oferece um quadro mais amplo, um pano de fundo mais completo. O marco é um cenário celestial sobre o qual está representado o drama dos séculos, o plano completo da salvação. Os versos 1 a 5 constituem-se nosso texto chave e deveriam ser lidos tão claramente quanto seja possível, enquanto o pregador vai se adentrando na mensagem.

### Preparação

O processo que possibilita ao pregador o envolvimento na mensagem possui quatro passos:

**1. Observação.** Leia a passagem várias vezes, em todas as versões possíveis, e nos idiomas grego e hebraico, caso os conheça. O pregador deve como que ruminar a passagem, dando asas à imaginação. Escreva a passagem, inspire-se nela. Quais palavras se lhe afiguram mais significativas? Faça um minucioso estudo delas. A estrutura sintática pode oferecer-lhe alguma pista. Qual o gênero literário? A passagem sugere toda classe de imagens.

No texto em consideração, uma palavra realmente chama a minha atenção: "trono". Qual o seu significado? Que associações ela traz à mente? Domínio, soberania, o governo de Deus, o desafio satânico a esse trono.

**2. Verdade.** Numa passagem como Apocalipse 5 existem certas verdades do evangelho, verdades notáveis acerca de Jesus Cristo. Faça uma lista delas. A verdade não consiste somente em fatos, mas em realidades que têm seu lugar no marco do evangelho. Deus, Sua autoridade e poder; Jesus, Sua relação com o Pai, a Divindade. O Espírito Santo, "enviado por toda a Terra". O ministério dos anjos. O plano da salvação.

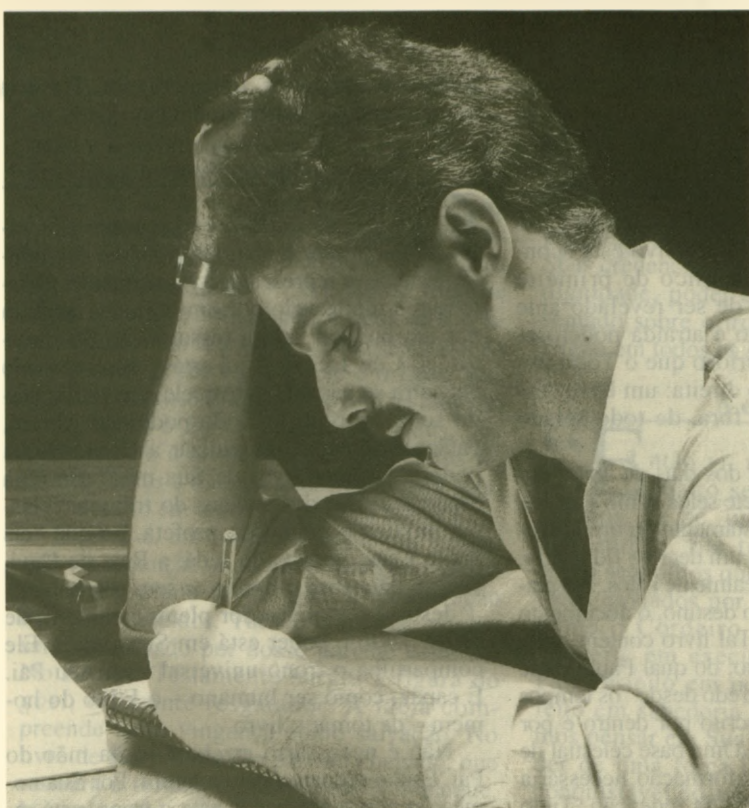
Extraír uma lista de verdades constitui um dos passos mais difíceis, para mim, na preparação de um sermão. É necessário muito trabalho para descobrir seu segredo.

**3. Tema.** Veja o que o profeta diz. Considere a essência de sua tese, o pensamento central. Em nossa passagem, o tema é a salvação. Porém, seria possível fazê-lo um pouco mais específico? Como soariam o ofício e o ministério: a missão de Cristo como Cordeiro? Se é assim, pare um pouco e considere sua função como Substituto e Penhor.

**4. Esboço.** O sermão não é uma produção literária. Anote palavras e frases chaves. Qualquer coisa que ajuda a avançar. Estamos desenvolvendo um sermão, não escrevendo um artigo. Esta é a palavra falada, e devemos ter o povo em mente em cada passo, tanto como a forma em que podemos fazer chegar-lhe a Palavra.

Estamos pensando naquelas queridas pessoas; elas estão em nossa mente e em nosso coração. Desejamos partilhar; desejamos contribuir; queremos falar-lhes acerca de Jesus, nosso melhor amigo. Esse tipo de pensamento mantém o pregador concentrado e em contato com o povo. Livra o sermão do perigo de tornar-se uma conferência, uma apresentação fria de fatos. Ellen White aconselha: "Quando se deleitar na Palavra





contra-se sentado atrás da escrivaninha tendo nas mãos alguns documentos. Outras três pessoas de meia-idade estão na sala: um homem e duas mulheres. Parecem nervosos e ansiosos. As mulheres esfregam as mãos, o homem ajusta a gravata. Todos olham com atenção para a porta. Repentinamente, como que obedecendo um sinal, interrogam-se mutuamente, com vozes cheias de intensidade e subjugadas pelo nervosismo: "Onde está Roberto? Ele conhece os termos do testamento que papai deixou. Ninguém pode abrir o testamento se não ele."

de Deus, por causa da preciosa luz que obtém dela, apresente-a a outros para que também se regozijem com você. Mas que sua comunicação seja livre e de coração." (*Counsels to Writers and Editors*, pág. 87).

### A pregação

“**V**i na mão direita dAquele que estava sentado no trono um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos. Vi também um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? Ora, nem no Céu, nem sobre a Terra, nem debaixo da Terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele; e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro nem mesmo de olhar para ele. Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos.” (Apoc. 5:1-5).

### Introdução

**I**magine a cena: uma sala com quadros, uma enorme escrivaninha, cadeira, estante, finas poltronas. Um cavalheiro de aspecto sério en-

tender que está num escritório de advocacia. O documento que o homem tem nas mãos é um testamento. Chegou o momento de abri-lo, mas seu autor deixou estabelecido que somente o filho primogênito pode fazê-lo. Uma certa tensão começa a tomar conta do ambiente e parece que todos pensam a mesma coisa: “E se Roberto não chegar?...”

Há uma outra cena. Agora de caráter celestial. João entrou por uma porta aberta no Céu (Apoc. 4:1), e descreve a cena. Isto é o que significa ser um profeta autêntico: um vidente, um repórter privilegiado. De vez em quando é admitido numa reunião de gabinete. Vê, ouve e nos informa. Mas tudo tem seu limite. Nenhum ser humano pode participar de todos os segredos que são manejados nos concílios celestiais. Porém o que é permitido a João ver e ouvir é uma informação vital: o suficiente para dar-nos uma idéia quanto aos planos e propósitos de Deus. “Quem tem ouvido para ouvir, ouça” (Apoc. 3:22).

### O livro misterioso

**E**sta é a sala do trono, o centro de controle do Universo. “Vi na mão direita dAquele que estava sentado no trono um li-

vro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos." Um trono, símbolo de domínio e soberania. Aqui é onde são tomadas as grandes decisões. Daí governa por decreto o Admirável. João O vê sentado no trono. O profeta é todo olhos, ouvidos e expectativa. Sente que algo decisivo está acontecendo. Um drama cósmico de primeira grandeza está a ponto de ser revelado ante seus olhos. Sua atenção é atraída poderosamente a um livro misterioso que o Todo-poderoso sustenta na mão direita: um livro "escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos".

No Império Romano dos dias de João, documentos selados com sete selos como este, seguramente seriam um testamento ou um instrumento de mandato legal, um decreto fiduciário. Os livros antigos eram realmente rolos. No plano celestial é um livro do destino, o documento vital de toda a criação. Tal livro contém o segredo de Deus. Seu plano, do qual Paulo disse ter sido guardado em segredo desde "os tempos eternos". O livro está escrito por dentro e por fora, por trás e na frente. Uma base celestial de dados. Contém toda a informação necessária para levar a cabo o plano da redenção. Tudo está ali. João percebe que a abertura desse livro significa salvação. Se permanecer selado, tudo está perdido. Porém o livro está na mão direita do Admirável, e está selado.

### O desafio

**L**ogo um poderoso anjo, como se tivesse lido a mente do apóstolo, lança um desafio. "Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos?" Agora podemos ver que o profeta é movido por algo mais importante que mera curiosidade. Tudo está em jogo: o futuro da humanidade, o futuro do planeta, a segurança do Universo. Aguarda que alguém se apresente; porém nada acontece. Nenhum movimento, só um silêncio sepulcral. Ninguém se oferece como voluntário para aceitar o desafio. "Ora, nem no Céu nem sobre a Terra, nem debaixo do Terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele."

O profeta chora muito e amargamente. Soluços incontroláveis sacodem o seu corpo. Suas lágrimas são por Deus e pela humanidade. Por Deus, porque Ele tem sofrido intensa dor, desde que o pecado invadiu o cosmos. Pela humanidade, porque ela nada pode contra o desapiedado inimigo. A situação requer a intervenção definitiva de um

poderoso libertador, um mediador. Haveria alguém que possa nos ajudar?

### Alguém digno

**O** plano só pode ser executado por alguém que tenha autoridade e dignidade. Este deve representar a humanidade. "Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos." (I Cor. 15:21). Aqui está o dilema: o rolo encontra-se nas mãos d'Aquele que está sentado sobre o trono, o Todo-poderoso. Quem, então, seria capaz de realizar a Obra? Quem poderia tomar o livro de Sua mão? Há uma esperança. Um dos anciãos do tribunal celestial enxuga o pranto do profeta, porque "eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos".

Jesus é o embaixador plenipotenciário de Deus. Todo o poder está em Suas mãos. Ele compartilha o trono universal com Seu Pai. É capaz, como ser humano – o Filho do homem – de tomar o livro.

Não é necessário arrebatá-lo da mão do Pai. Este o preparou para a tarefa. Por Sua nomeação como Mediador ante o trono, está revestido de humanidade. O Pai Se agradou d'Ele. O drama é representado para nosso benefício. O Céu está atento ao cenário divino. É nosso privilégio ser envolvidos pela cena, sentir o temor, o pavor e apreensão. Sim, chorar com o profeta até que encontremos O que comprou nossa salvação por um grande preço, através do sofrimento, da morte e do sangue derramado. Não teremos aprendido nada do drama até avaliarmos o custo do sacrifício.

A história da salvação está relacionada com um estado de perdição. Certo indivíduo, em Las Vegas, foi ouvir um evangelista. O pregador falou sobre a queda de Adão. Tudo pareceu-lhe um tanto estranho e surpreendente. Porém quando as mulheres de seu cabaré lhe perguntaram sobre o que o pregador falara, ele respondeu com seu linguajar bem característico e mundano: "Deus deu a um sujeito chamado Adão um verdadeiro feixe de bilhetes premiados mas ele jogou tudo fora". A vida, o domínio sobre a Natureza, o formoso lar no jardim, uma perfeita relação com o Criador. Tudo perdido, jogado fora. A própria criação estava sujeita à decadência e à morte. As trevas como um manto mortal envolveram o planeta. Nossa condição perdida é uma das inescapáveis realidades da vida. Uma dura realidade. Billy Graham dis-

se certa vez: "Ou o homem começou em nada e está procurando onde ir, ou começou em algum lugar e perdeu o caminho."

Agora, surge a grande pergunta: "Quem pode comprá-lo de novo? Quem tem os meios para conseguir a recuperação dos bens perdidos? A resposta – "o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e desatar os sete selos". Sua pessoa é uma unidade de poder e amor. Ele é o Leão que, régio e poderoso, infunde respeito. É também o Cordeiro, o Servo sofredor de Deus, que entregou-Se a si mesmo pelos pecados do mundo. Jesus é o único qualificado para aceitar o desafio em todo o sentido da palavra.

O livro é, em primeiro lugar, um tratado sobre a redenção, a divina estratégia contra o pecado, o plano divino para a recuperação dos bens perdidos. Tudo o que Adão perdeu será recuperado por nosso parente celestial. No Antigo Testamento surgiu a figura do *goel*, o parente resgatador. A idéia compreende tanto vingança como salvação. No livro de Rute, Boaz é o parente chegado, que restaura a fortuna da família de Elimeleque.

Naqueles dias, redenção significava "desatar", "libertar de". O *goel* tinha que ser uma pessoa forte e hábil para poder recuperar os bens perdidos. Sob a antiga lei, ele tinha direitos e responsabilidades. Sempre que um israelita caía na escravidão, o *goel* tinha a responsabilidade de resgatá-lo. Por isso, Abraão foi compelido a resgatar Ló dos cinco reis que o haviam aprisionado. Era uma questão de honra. Necessitava-se força e determinação para fazer isso.

Jesus, nosso irmão mais velho, parente chegado, tomou nosso caso em Suas mãos como se fosse um assunto pessoal. Quão incrível é o plano secreto de Deus! Enviou Seu Filho ao acampamento do inimigo como um bebê aparentemente indefeso. Mas essa criança era Deus encarnado. É a divindade revestida da humanidade. O planeta que veio visitar é obra de Sua criação. Tem a vontade e o poder suficientes para efetuar nossa sal-

vação. Arrebata a presa das garras do inimigo. "E, despojando os principados e as potestades, publicamente, os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz." (Col. 2:15). Seu propósito é restaurar-nos ao lar edênico. Suas credenciais são impecáveis. É igual em dignidade, poder e autoridade ao que está sentado sobre o trono. É o doador da vida. Digno em todos os sentidos da palavra.

#### A execução

**E**ntão vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tinha sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos que são os sete espíritos de Deus enviados por toda a Terra." (v. 6). É como o Cordeiro imolado que Jesus Se converte em executor da vontade de Seu Pai. Perfeito em poder (sete chifres), perfeito em sabedoria (sete olhos). Não devemos pensar em Sua onipotência como o poder de uma força ilimitada. É o poder incontestável do amor.

Convinha que o Pai desse honra e reconhecimento especiais ao Filho. Nos concílios eternos, foi resolvido que a segunda pessoa da Trindade viria em forma humana e executaria o plano. A Terra foi Seu destino, Seu projeto especial. É como se a Trindade tivesse feito o pacto de que o Filho a recuperaria, sem importar o custo. Ao tomar o livro, Ele

---

**"Aquele que tem meu destino em Suas mãos é quem tomou minha carne. Ele caminhou em meus sapatos. Experimentou a condição humana em toda a sua plenitude. Somente Ele pode julgar-nos totalmente, Cristo é nosso Juiz. Nosso caso está em Suas mãos."**

---

Se comprometeu totalmente a cumprir Sua responsabilidade redentora de parente chegado, até as últimas conseqüências. Cristo não ascendeu à mão direita de Deus e, como um pregador expressa, retirou-Se para escrever Suas memórias. Continua ativo no processo da salvação, "vivendo sempre para interceder por eles" (Heb. 7:25). O resultado final que se deseja é um Universo em perfeita paz. Seu povo como uma comunidade reconciliada. Ele come-

çou a boa obra e a terminará.

Tudo está em Suas mãos. Sua obra teve um princípio, e logo terminará. Não veio divertir-Se, quando assumiu a natureza humana, para logo abandoná-la quando ascendeu. Ele é nosso para sempre. Certamente convinha ao Pai fazê-Lo também juiz. "E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento. ... E Lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do homem." (João 5:22-27).

Aquele que tem meu destino em Suas mãos é quem tomou minha carne, quem plantou Sua tenda junto à minha. Ele caminhou em meus sapatos. Experimentou a condição humana em toda a sua plenitude. Somente Ele pode julgar-nos totalmente. O pai não nos colocou em mãos de um estranho que não sabe nada acerca de nossas lutas. Que os pastores e os professores, que os pais e as mães, e todo aquele que tem se agradado em Sua salvação, sim, que todos os remidos digam: "Cristo é nosso Juiz. Nosso caso está em Suas mãos."

Segundo Ellen White, "como Ele tenha provado as próprias fezes do cálice da aflição e tentação humanas, e compreenda as fragilidades e pecados dos homens; como tenha, em nosso favor, resistido vitoriosamente às tentações de Satanás, e lidará justa e ternamente com as almas para cuja salvação derramou o próprio sangue – como assim seja, o Filho do homem é indicado para exercer juízo". (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 190).

O presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, planejou estender o cuidado da saúde a cada cidadão de seu país, uma cobertura vitalícia e intransferível. Louvável e ambicioso plano. Os oponentes dizem que isso escapa à realidade. Inclusive alguns de seu próprio partido o consideram "demasiado custoso". Mas ele mantém o sonho e está empenhado em realizá-lo. Há muitos trâmites pela frente. O assunto é extremamente complexo. Sonho impossível? Não o sabemos.

Semelhantemente, o Céu ofereceu à raça humana uma anistia geral. Cristo morreu para estender a cobertura a cada filho de Adão. O inimigo gostaria que o plano fracassasse. Apesar da oposição demoníaca e humana, o resultado desejado foi conseguido. A salvação está consumada. Como se diz no mundo dos negócios, é um acordo feito. Com Ele, a palavra e o fato são a mesma coisa.

**M**as o drama continua em desenvolvimento. O Cordeiro ainda está no centro como mediador entre Deus e o homem. Posiciona-se assim, sempre buscando reconciliar o homem com Deus. Está trabalhando intensamente no santuário celestial como nosso misericordioso sumo sacerdote. Jamais dormita. Tem como único propósito levar o drama à sua absoluta conclusão. Sua missão não estará totalmente terminada, até colocar um ponto final na história do pecado. Não estará satisfeito apenas em perdoar o pecador e decretar a anistia geral. O pecado, esse maldito intruso, deverá ser totalmente erradicado.

E Ele não apenas toma o livro, mas abre os selos, um após outro, até o último. Quando o sétimo for aberto, um profundo silêncio envolverá a sala do trono, na realidade, a toda criação. Agora tudo ficará completamente claro. O grande livro está aberto. O drama está terminado. No esquema dos assuntos celestiais, existe profecia, cumprimento e consumação. Chegará o dia em que todas as profecias cessarão. "Até que o Céu e a Terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra", disse Jesus. Isso é a consumação.

A história da salvação não é uma representação que se repete continuamente em forma indefinida. Não haverá eterna coexistência entre o bem e o mal. O Cordeiro imolado é Senhor do tempo e da história. Senhor das esferas. Seu braço não está encolhido de modo que não possa salvar. Sua capacidade para alcançar e Sua capacidade de apreender são iguais. E suficientemente forte para sustentar o trono e ao mesmo tempo abarcar o globo. A missão está cumprida. Entrega o paraíso restaurado ao Pai que O encarregou de levar a cabo a grande tarefa. Isso é a consumação.

A vitória suprema de Cristo, o Cordeiro imolado, é o objetivo final da história. Não admira que todo o Céu se une em cânticos de adoração e louvor "Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro" (Apoc. 5:13).

Sim, Deus o Pai colocou todas as coisas nas fortes mãos de Seu Filho. Colocou tudo sob Sua responsabilidade. E agora aqui está a grande pergunta: Tem você colocado sua vida nas mãos do Cordeiro? Colocou tudo, completamente, em Suas mãos? Só Jesus é digno de confiança.

# A ordenação através dos tempos

V. NORKOSV OLSEN

Th.D., Ph.D., historiador adventista e ex-presidente da Universidade de Loma Linda, Califórnia, EUA.

O significado da palavra ordenação, aplicada ao Ministério, deve ser buscado na Bíblia, o que não é uma tarefa fácil. A versão *King James*, que tem influenciado durante três séculos a Igreja no mundo de fala inglesa, usa a palavra *ordain* para traduzir mais de 20 diferentes palavras hebraicas e gregas. Neste artigo, consideraremos o uso grego da palavra no Novo Testamento, apenas onde ela aparece relacionada com a nomeação oficial ao Ministério.

Começemos então com o único caso encontrado, em inglês, nos Evangelhos: “Então designou (*epoiesen*) doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar.” (Marcos 3:14). A palavra grega *poieo* significa literalmente “fez”. Na *King James*, ela tem o sentido de “ordenar”. Outras versões, portuguesas e espanholas, traduzem a palavra como “estabeleceu”, “escolheu”, “designou”, “destinou”.

Outra referência à palavra “ordenar” é a tradução que faz a *King James* de Atos 1:22, que trata da substituição de Judas: “começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado ao Céu, um destes seja (*genésthai*) testemunha conosco de Sua ressurreição.” O grego aqui é derivado de *ginomai*, cujo significado é “chegar a ser”. Outras traduções empregam expressões como “se associe conosco”, ou “seja escolhido alguém que seja conosco”, etc.

Uma terceira menção da palavra “ordenar” na *King James* é a referência que Paulo faz de si mesmo, em I Tim. 2:7: “Por isso fui designado (*etithen*) pregador e apóstolo...” Aqui a palavra grega é derivada de *tithemi*, que quer dizer “colocar”, “fixar”, “designar”.

Uma quarta referência é Tito 1:5, onde Paulo lhe diz: “Por esta causa te deixei em Creta para que pusesses ordem nas coisas restantes, bem como, em cada cidade, cons-

tituisses (*katastéses*) presbíteros, conforme te prescrevi.” O grego aqui é derivado de *kathistemi*, cujo significado é “por” ou “constituir”.

Finalmente, em Atos 14:23, é encontrada uma quinta referência: “E, promovendo-lhes em cada igreja a eleição (*xeirotoneantes*) de presbíteros...” A palavra grega *cheirotoneo* também aparece em II Cor. 8:19, traduzida pela *King James* como “escolher”. *Cheirotoneo* vem de *cheiros*, que quer dizer “mão” e *toneo*, que significa “estirar”. Portanto o sentido final é “estender a mão”. Tecnicamente, a palavra expressa aprovação ou concordância, através do ato de levantar a mão quando se vota alguma coisa.

Assim, em poucas palavras, tal é o uso da palavra “ordenar” ou *ordain* na versão *King James*, traduzida de diferentes palavras gregas. No entanto, a palavra “ordenar” possui também raiz latina. O latim *ordinare* significa “colocar em ordem”, “arranjar”, ou “regular”. Palavras em grego e em latim possuem conotações diferentes. “Há uma certa diferença entre o quadro cultural do *cheirotonein* grego e o do latim *ordo* ou *ordinare*. O uso que faz o Novo Testamento do antigo termo tem o significado secular básico de nomeação (Atos 14:23; II Cor. 8:19), o qual é, em troca, derivado de seu significado original de estender a mão, quer seja para designar uma pessoa ou para dar um voto. *Ordo* e *ordinare*, por outro lado, são termos derivados da lei romana em que se comunica a noção da posição especial de um grupo distinto da plebe, como o termo *ordo clarissimus* para o senado romano.”<sup>1</sup>

Como o latim tornou-se o idioma da Igreja no Oeste, e com a consolidação do episcopado monárquico, não é difícil notar como a estrutura organizacional da Igreja gradual-

mente seguiu a do Império. Palavras tais como *ordo* e *ordinare*, que estavam em uso na sociedade romana, realçaram o poder da hierarquia da Igreja, e com o tempo o conceito do sacerdócio dos crentes e dos dons espirituais tornou-se obsoleto. Eventualmente uma hierarquia de sacerdotes e bispos e o conceito de ordená-los entraram em moda.

Criar o conceito de ordenação sobre a base do uso da palavra “ordenar”, na versão *King James*, é bastante incerto. Ademais, a palavra “ordenação” não é mencionada sequer uma vez em Romanos 12, I Cor. 12, nem em Efésios 4, que são os três capítulos principais que falam a respeito dos dons especiais, outorgados à Igreja “para a edificação do corpo de Cristo” (Efés. 4:12). Paulo enumera apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres, mas não faz qualquer referência à ordenação.

### No Velho Testamento

**N**a cerimônia de ordenação, a imposição das mãos é uma parte muito importante. Qual o fundamento bíblico para isso?

A primeira referência bíblica à imposição de mãos é encontrada em Gênesis 48:14, onde se diz que Jacó “estendeu a mão direita e a pôs sobre a cabeça de Efraim que era o mais novo, e a sua esquerda sobre a cabeça de Manassés, cruzando assim as mãos, não obstante ser Manassés o primogênito”. Aqui, a imposição das mãos representava uma bênção especial. Posteriormente, existe uma repetição do ato em conexão com o sistema dos sacrifícios, em que o significado era a transferência de culpa, do pecado e do castigo do pecador para o animal a ser sacrificado. O Velho Testamento também faz referência a duas situações nas quais as mãos foram impostas em relação a um ministério específico, como os casos de Josué e dos levitas.

De Josué é dito que Moisés “lhe impôs as mãos, e lhe deu as suas ordens, como o Senhor falara por intermédio de Moisés” (Núm. 27:23). É interessante notar vários pontos aqui. A experiência de Josué o qualificava para ser o escolhido óbvio. Era um associado muito próximo de Moisés. Foi ricamente dotado pelo Espírito Santo. O Urim e o Tumim confirmaram o chamado de Deus. Sua nomeação deveria ser pública, à vista da congregação. Assim, Moisés “lhe impôs as mãos”. Isso aconteceu em uma única ocasião para um evento histórico espe-

cífico e singular, para guiar o povo à terra prometida, e não se repetiu em outras nomeações de sacerdotes, reis e profetas.

Mas então como eram consagrados e colocados em seus postos os levitas? A Moisés foi solicitado: “Farás chegar os levitas perante a tenda da congregação; e ajuntarás toda a congregação dos filhos de Israel. Quando, pois, fizeres chegar os levitas perante o Senhor, os filhos de Israel porão as mãos sobre eles.” (Núm. 8:9 e 10). O papel dos levitas como representantes do povo foi confirmado pela imposição das mãos sobre eles, pelo próprio povo.

Como no caso dos sacerdotes e os sumos sacerdotes, os levitas herdaram suas funções por nascimento, e a imposição de mãos não se repetia.

A idéia de “pôr [a mão] sobre” é uma tradução de três palavras hebraicas diferentes.<sup>2</sup> No caso de uma bênção especial como na história de Jacó, *s'im* ou *shith* (sinônimos) são os termos empregados, assim como em referências ao ato de ungir enfermos. Sempre que a situação envolver oferta e consagração de alguma coisa ou pessoa, a palavra é *samah*. Um exemplo disso é a ocasião quando Moisés consagrou a Josué ou quando o povo impôs suas mãos sobre os levitas. *S'im* e *shith* expressam um toque leve, porém *samah* sugere um toque firme, com o sentido de “inclinar-se sobre” ou “em direção a”. *Samah* também sugere que uma pessoa transfere “algo” a outra pessoa (ou animal usado em sacrifício), que então chegava a ser o representante ou substituto. Quando a imposição de mãos está relacionada com uma bênção sacerdotal, usa-se *nasa*, como quando “Arão levantou as mãos para o povo e o abençoou” (Lev. 9:22). Muita confusão poderia ser eliminada se mantivéssemos estas diferenças de significado em mente.

### Sacerdote, rei e profeta

**S**egundo Êxodo 28:41, Deus ordenou a Moisés: “E com isso vestirás a Arão, teu irmão, bem como a seus filhos; e os ungarás, consagrarás e santificarás, para que Me oficiem como sacerdotes.”

O que a versão *New English Bible* traduz como “instalar”, a versão *King James* o apresenta como “consagrar”; e as versões *New American Standard Bible* e *Revised Standard* como “ordenar”. A palavra hebraica *mille'yadh* significa literalmente “encher

as mãos”. O significado mais aproximado é que as mãos deveriam ser cheias daqueles objetos que seriam oferecidos no templo como parte do sacrifício. “Nos países orientais, a investidura somente era feita colocando-se na mão do funcionário a insígnia de seu cargo. Aqui são usadas certas porções das ofertas para esse propósito.”<sup>3</sup>

As palavras “encher as mãos” acentuam claramente que a “instalação” é para um serviço conectado com os ritos do templo (Êxodo 29:20-28).

A unção de um rei simbolizava a dotação do “Espírito do Senhor” (I Sam. 10:1; 16:13). Do rei, como protetor do Livro da Lei, esperava-se que o copiasse totalmente com sua própria mão (Deut. 17:18-20). O pacto era renovado como um convênio entre Deus, o rei e o povo. Enquanto as mãos do sumo sacerdote eram cheias com ofertas, as mãos do rei eram “cheias” com a lei. Ele era também coroado e entronizado (I Reis 1:33; II Reis 11:12; I Crôn. 29:22).

Como exemplo da unção de um profeta, somente temos Elias ungindo a Eliseu (I Reis 19:16 e 19). Aparentemente “os ungidos” e os “profetas” em Salmo 105:15 são equivalentes. O servo do Senhor (Isa. 61:1) fala de si mesmo como um ungido “para pregar boas-novas”.

### Ordenação rabínica

Vejamos agora a ordenação rabínica<sup>4</sup> e sua relação, se é que existe alguma, com a Igreja primitiva. De acordo com a tradição judaica, os passos de sucessão descendiam “em linha direta de Moisés a Josué, de Josué aos anciãos, dos anciãos aos profetas, dos profetas aos homens da grande assembléia (Esdras, Neemias, e o Sinédrio criado depois do retorno do cativo), e outros, até que chegou aos patriarcas (os dirigentes do Sinédrio depois da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.) e os outros dirigentes das escolas rabínicas”.<sup>5</sup>

O Mishna e o Talmude chegaram a ser representantes do judaísmo depois do ano 70 d.C. O Mishna codificava a tradição oral rabínica e nos transmite informação do primeiro século. Os rabinos podem ter lido seus próprios conceitos teológicos nos textos bíblicos, porém isto não foi diferente do que os teólogos cristãos fizeram mais tarde. De fato, existe um paralelo entre o argumento católico para a sucessão apostólica do bispado monárquico e o papa como sucessor de Pedro, e a “prova” talmúdica para a sucessão rabínica do tempo de Moisés. Esse paralelo também

inclui o assunto da ordenação.

---

A primeira referência bíblica à imposição de mãos é encontrada em Gênesis 48:14, onde se diz que Jacó “estendeu a mão direita e a pôs sobre a cabeça de Efraim que era o mais novo, e a sua esquerda sobre a cabeça de Manassés... o primogênito.”

---

O caso rabínico de ordenação estava baseado na imposição de mãos sobre Josué por Moisés (Núm. 27:22 e 23) e a escolha dos 70 anciãos (Núm. 11:16, 17, 24 e 25). Mesmo que não seja mencionada a imposição de mãos sobre os 70, a exegese rabínica aplicou um princípio de interpretação segundo o qual em dois textos análogos,

uma consideração em particular de um deles pode ser estendida ao outro como um princípio geral,<sup>6</sup> e deram como certa a imposição de mãos sobre os 70.

Baseada na Mishna, “a ordenação era um requerimento para ambos, os membros no Grande Sinédrio e os membros do Sinédrio inferior, e os colégios regulares de juízes autorizados para decidir casos legais”. O “grau mais baixo de ordenação permitia ao rabino tomar decisões sobre assuntos religiosos, enquanto que o grau mais elevado lhe permitia inspecionar as primícias, além de tomar decisões sobre assuntos religiosos e julgar os casos criminais”.<sup>7</sup> Assim, pois, a pessoa “ordenada” chegava a ser importante, não apenas na vida religiosa, mas também na vida civil das pessoas.

Porém o imperador Adriano, durante a revolta judaica de 132-135 d.C., procurou abreviar a influência do novo Sinédrio, proibindo a ordenação. Até o terceiro século, o ato da imposição de mãos esteve suspenso, e o rabino era nomeado e dedicado ao pronunciar seu

nome. A autoridade da nomeação residia sobre o profeta e não, como inicialmente, quando um mestre impunha as mãos sobre seu aluno; e mais, qualquer cerimônia de posse de um cargo efetuada pelo concílio ou pelo colégio de juizes “sem o consentimento do patriarca era inválida, enquanto que o patriarca recebia o privilégio de efetuar a cerimônia sem o consentimento do colégio”.<sup>8</sup>

Outra razão para não se impor as mãos era “o crescente papel que desempenhava a imposição na religião cristã. O nome dado ao serviço judaico de ordenação também foi mudado de *semikah* ou *semikuta*, que significa a imposição de mãos, para *minnuy*, que significa nomeação.”<sup>9</sup>

Os eruditos sustentam três opiniões importantes sobre como a ordenação mishnaica pode ter influenciado a Igreja primitiva. Hugo Mantel distingue duas ordenações separadas durante o período do segundo templo: “Primeiro, eles ordenavam o estudante (que sentado no primeiro lugar da primeira fila recebia o título oficial de Hakam), e então o nomeavam juiz e o faziam sentar na Corte Alta.”<sup>10</sup>

Mantel acredita que “os primeiros judeus cristãos, especialmente em Jerusalém, tomaram emprestados seus costumes do judaísmo. Eles se consideravam uma seita judaica separada dos fariseus só por sua crença em Jesus. É claro que os primeiros cristãos não inventaram a imposição de mãos, nem a puderam tomar emprestada do mundo helênico”.<sup>11</sup>

Outro enfoque é o de Arnold Ehrhardt que argumenta que o Mishnah não é historicamente confiável e não prova a ordenação rabínica nos tempos do Novo Testamento. Acerca de “rabino” como um título para um estudante judeu ordenado, Ehrhardt declara: “Não se pode duvidar de que nos tempos talmúdicos era ‘rabino’, porém no período anterior a 70 d.C., esse título era outorgado livremente aos estudantes judeus não ordenados, um fato que é confirmado pela evidência do Novo Testamento”.<sup>12</sup>

Ehrhardt também assinala que o título outorgado aos membros do Sinédrio foi “presbítero”, e isso não era sinônimo de escriba ou rabino. No Novo Testamento os anciãos são mencionados lado a lado como grupos separados em Mateus 26:57 e Atos 6:12, sugerindo que os anciãos não eram necessariamente escribas.

Em suas argumentações, Ehrhardt chega a três conclusões: a primeira, e a melhor funda-

mentada, é que o desenvolvimento da ordenação judaica confirma a declaração de que a descrição cristã dos ministros como presbíteros foi derivada do título dos membros do Sinédrio de Jerusalém. A segunda é que no assunto da ordenação, a igreja e a sinagoga aparecem não em uma relação de filho e mãe, mas como meio-irmãos, como Isaque e Ismael (Gál. 4:22), ambos, à sua maneira, apropriando-se do exemplo do Antigo Testamento. A terceira conclusão é que seria sábio, especialmente quanto aos ritos de imposição de mãos e entronização de bispos, permitir-se um período de desenvolvimento, estendendo-se até à metade do segundo século.

Um terceiro enfoque propõe uma origem que é puramente cristã, uma invenção neotestamentária singular. Everett Ferguson relaciona a imposição de mãos, não com o *samah* hebraico, mas com o *s'im*, o qual expressa a transferência de uma bênção. Está de acordo em que “na superfície parece haver uma boa razão para ligar o uso cristão com *samah*. Era usado para a nomeação de oficiais no Velho Testamento e chegou a ser o termo técnico para a ordenação no judaísmo”.<sup>13</sup> Porém, o assunto decisivo é a questão sobre a qual categoria pertence a ordenação. A idéia básica na ordenação cristã antiga não era criar um substituto ou transferir autoridade, mas conceder uma bênção e suplicar a aprovação divina.

Ademais, Ferguson encontra “a confirmação de que a ordenação cristã tem sua raiz em *s'im* e não em *samah*... no fato de que a imposição de mãos na Igreja somente acontece como um acompanhamento à oração. Não existe indicação de que a oração fosse parte das ordenações judaicas”.<sup>14</sup>

## No Novo Testamento

Entre os numerosos versículos do Novo Testamento que tratam da imposição de mãos, somente seis estão relacionados com o Ministério: dois no livro de Atos (6:6; 13:3), e os demais em relação a Timóteo.

As referências do livro de Atos encontram-se dentro do mesmo contexto. Segundo Marjorie Warkentin, o significado dos dois eventos é achado na evidência de que Deus renovou Seu concerto. As experiências do *samah* de Moisés com Josué, e o povo com os levitas estão sendo repetidas. Em Atos 6:6, os apóstolos impuseram as mãos sobre



os sete, assim como Moisés o fez com Josué. Em Atos 13:3, o povo impôs as mãos sobre Saulo e Barnabé, como no caso dos levitas.<sup>15</sup>

Cabe aqui uma pergunta: Quem impôs as mãos sobre os sete e por quê? A primeira parte da indagação é facilmente respondida: “Apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos.” No grego diz, exatamente, “e orando lhes impuseram as mãos”, o que dá a entender que aqueles que os apresentaram poderiam ser os mesmos que impuseram as mãos. O único manuscrito grego que define bem que estes foram os apóstolos é o *Codex Bezae*, também chamado *Codex D*, um manuscrito posterior ao quinto e sexto séculos, e que de acordo com os eruditos, assinala algumas variantes em comparação a outros.

A mudança em Atos 6:6 do *Codex Bezae* reflete um desenvolvimento histórico iniciado no terceiro século, quando somente o bispo em sucessão apostólica podia ordenar, seguido pela pretensão de que os bispos são os vigários de Cristo, uma concessão aplicada mais tarde ao papa.<sup>16</sup> Isto não significa necessariamente que os apóstolos não poderiam haver imposto as mãos sobre os sete, pois o texto pode ser interpretado das duas maneiras. Edward Schweitzer afirma que a imposição de

mãos, em ambos os casos, tanto em Saulo como em Barnabé (Atos 13:1-3), como sobre os sete, era para um serviço especial e uma “bênção”. Ele declara: “Não é um assunto de ordenação, sendo que ambos pertenciam à companhia dos profetas e mestres. É, pois, uma instalação, isto é, a colocação numa esfera de serviço em particular, a qual difere em certos aspectos da anteriormente ocupada.”<sup>17</sup>

A imposição de mãos sobre Saulo e Barnabé é claramente um serviço de consagração para uma tarefa missionária especial. Eles eram como qualquer outro entre o grupo de profetas e mestres em Antioquia, porém enquanto o grupo se encontrava orando e jejuando, o Espírito Santo os impressionou

para separar a Saulo e a Barnabé a fim de realizarem um trabalho missionário.

A linguagem utilizada aqui corresponde à consagração dos levitas. Deus ordenou a Moisés no sentido de que separasse “os levitas do meio dos filhos de Israel” (Núm. 8:6 e 14). No livro de Atos, o Espírito Santo dirigiu a igreja de Antioquia: “Separai-Me agora a Barnabé e a Saulo para a obra que os tenho chamado” (Atos 13:2). Os levitas também foram separados para uma obra especial (Núm. 8:11 e 15; a Septuaginta usa a mesma palavra – *ergon* – que o Novo Testamento usa para “obra”).

Torrance sugere que Saulo e Barnabé “não foram ordenados como alunos ou discípulos rabínicos, mas enviados como apóstolos ou mensageiros autorizados da comunidade, em uma missão ilimitada. ... Isto parece referir-se à ordenação no sentido correto”.<sup>18</sup>

Nas cartas a Timóteo, encontramos três referências sobre a imposição das mãos.

---

## A imposição de mãos sobre Saulo e Barnabé é claramente um serviço de consagração para uma tarefa missionária especial, embora eles fossem como qualquer outro entre o grupo de profetas e mestres em Antioquia.

---

Duas falando da imposição sobre Timóteo: “Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério.” (I Tim. 4:14); “Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus, que há em ti pela imposição

das minhas mãos.” (II Tim. 1:6).

A terceira é um conselho ao jovem colaborador: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos. Não te tornes cúmplice de pecados de outrem. Conserva-te a ti mesmo puro.” (II Tim. 5:22).

O significado óbvio da primeira referência é que o presbitério impôs suas mãos sobre Timóteo; na segunda, a imposição foi feita por Paulo. Outra explicação verossímil para a primeira é que o presbitério ordenou a Timóteo enquanto Paulo presidia o evento. Timóteo não era o único converso de Paulo, mas um associado ministerial próximo, por quase 20 anos.

O ato da imposição de mãos sobre Timóteo, indubitavelmente, teve lugar bem cedo

em seu trabalho. Sua carreira seguiu a de Paulo e não era a de um ancião local ou bispo. O último era "nomeado"; não se menciona a imposição de mãos sobre os anciãos locais. A idéia de que Paulo tenha ordenado a Timóteo, que como bispo ordenara a outros anos mais tarde, estabelecendo a sucessão apostólica, não pode ser fiel à situação histórica.

Na situação histórica singular e o trabalho de Paulo na Igreja primitiva, na qual Timóteo estava intimamente relacionado e constantemente representava a Paulo, o apóstolo pode haver imposto as mãos sobre Timóteo, tal como o rabino faz com seu aluno (caso seja esse o costume nos dias de Paulo). Um coisa porém é certa: Timóteo representava a Paulo e à Igreja universal; o presbitério em sua totalidade havia imposto as mãos sobre ele, e Paulo seguramente encontrava-se presente, na ocasião, presidindo o ritual. Esse é o pano de fundo de I Tim. 4:14. É possível que II Tim. 1:6 esteja se referindo ao mesmo evento. Se houve imposição de mãos em uma ou duas ocasiões, não tem a menor importância. O fato significativo é que Timóteo foi escolhido pelo Espírito Santo, comissionado por Paulo e enviado como um apóstolo pelo povo.

Entre os muitos mandatos de Paulo a Timóteo, figura o que se refere a não impor precipitadamente as mãos sobre alguém (I Tim. 5:22). Essa passagem é freqüentemente interpretada para dizer que Timóteo podia ordenar a outro bispo. De fato, a Igreja em anos posteriores fundamentou seus casos de ordenação sobre essa base, e outras passagens mais em Timóteo e Atos.

Algumas traduções não ajudam a esclarecer a confusão. A *New English Bible*, por exemplo, diz: "Não sejas demasiado rápido em impor as mãos na ordenação"; a versão *The Living Bible* afirma: "Nunca tenhas pressa ao ordenar a um homem impondo tuas mãos sobre ele."

No entanto, o contexto aclara o significado. Paulo está falando sobre uma pessoa que está sob a disciplina da igreja. Kenneth S. Wuest escreve: "As palavras 'impor as mãos precipitadamente' têm a ver com a restauração de um membro transgressor à igreja local. No verso 19, vemos a acusação; no verso 20, a convicção e a sentença, e no verso 22, a restauração à sua condição de membro da igreja. Os exegetas afirmam que a ordem é no sentido de restringir com deliberada prudência os impulsos de ter dó. Uma reconciliação precipitada leva o transgressor a

pensar que sua falta não é tão grave, depois de tudo; e suaviza assim o caminho para uma repetição do pecado. Aqueles que outorgam cartas de recomendação com muita facilidade, estão sob a condenação apostólica."<sup>19</sup>

Assim, as passagens de Timóteo e Atos não tratam da ordenação na Igreja, como geralmente se imagina. Não podemos utilizá-las como precedente para um conceito que se desenvolveu no terceiro século, estabelecendo um bispado monárquico e seu papel ao efetuar o rito de ordenação. Como Birger A. Pearson declara: "A situação eclesiológica nas igrejas de Paulo ... aparenta ser de expressão livre, carismática, e não encontramos evidência concreta de organização hierárquica, ou nada com respeito à ordenação de oficiais de igreja."<sup>20</sup>

### Desenvolvimento histórico

A primeira descrição de um serviço de ordenação pode ser rastreada até o terceiro século, e está registrado em *The Apostolic Tradition*, de Hipólito (236 d.C.), um presbítero da Igreja de Roma. Sua descrição da ordenação confirma o conceito do ministério que teve lugar no terceiro século e é expresso nos escritos de Tertuliano e Cipriano.

Uma diferença entre o bispado e o presbitério é claramente estabelecida. Um novo bispo pode ser ordenado somente por outros bispos, que impõem as mãos sobre ele, observados em silêncio pelo presbitério. Na oração de ordenação, o bispo é chamado "sumo sacerdote" de Deus; a ordenação lhe outorgava "o Espírito do sumo sacerdócio" pelo qual recebia autoridade para redimir pecados.

A diferença entre o bispo e o presbítero era mais ampliada pelo fato de que somente o bispo podia ordenar os últimos. "Porém, quando o presbítero é ordenado, o bispo haverá de impor as mãos sobre sua cabeça, enquanto os presbíteros o tocam."<sup>21</sup>

No caso da ordenação do diácono, só o bispo impõe as mãos, pois "ele não é ordenado ao sacerdócio, mas para servir ao bispo e para executar as ordens do bispo. Ele não participa no concílio do clero; ele deve realizar suas próprias tarefas e fazer saber ao bispo as coisas necessárias. Ele não recebe esse Espírito que possui o presbítero, do qual os demais presbíteros partilham; ele recebe somente o que lhe é confiado sob a autoridade do bispo. Por essa razão, somente o bispo poderá fazê-

lo diácono”.<sup>22</sup>

O quarto século presenciou a aparição de um manual de igreja, a *Constituição dos Santos Apóstolos*, em vários volumes, a qual pretende dizer-nos o que os apóstolos ensinaram e fizeram. “Porém, conforme temos sido ensinados pelo Senhor, distribuímos as funções do sumo sacerdócio aos bispos, as do sacerdócio aos presbíteros, e a ministração dos diáconos sob a autoridade de ambos; que a divina adoração possa ser realizada com pureza. Porque não é correto que um diácono ofereça o sacrifício, batize, ou reparta quer seja a bênção maior ou a menor. Tampouco pode um presbítero efetuar a ordenação.”

As *Constituições* enfatizam a diferença entre o laicato e o sacerdócio: “Deixem que o leigo o honre [ao bispo], o ame, o reverencie como a seu senhor, como seu dono, como o sumo sacerdote de Deus, como um mestre da piedade. Pois quem o escuta está ouvindo a Cristo; e quem o rechaça, rechaça a Cristo.” Ademais, o bispo “é o mediador entre Deus e você, nas diversas partes de seu culto de adoração. Ele é o mestre de piedade; e, depois de Deus, ele é seu pai, o qual lhe tem privilegiado novamente com a adoção de filho, pela água e pelo Espírito. Ele é seu dirigente e governador; ele é seu rei e potentado; é, depois de Deus, seu deus terreno, que tem o direito de ser honrado por você. Deixe que o bispo presida sobre você como alguém que é honrado com a autoridade de Deus, e pela qual há de governar todo o povo”.

O bispo é ordenado “por três bispos” na presença de presbíteros, diáconos, e o povo que “dá seu consentimento”. Quando se trata de um presbítero ou diácono, eles são “ordenados por um bispo”. Também se faz provisão para a ordenação das diaconisas. Os diáconos e as diaconisas servem ao bispo.

Agostinho de Hipona (396-430 d.C.) seguiu os principais dogmas da eclesiologia cipriana, porém estendeu o desenvolvimento do assim chamado sacerdócio cristão por “seu conceito sacramental do ministério no

qual a validade da ação sacramental de um clérigo era vista como independente de seu caráter pessoal”. Os católicos romanos aderem a esse princípio quando afirmam que pelo sacramento da ordenação o sacerdote é marcado por um caráter indelével. No que

tange à ordenação, Agostinho a fez “inteiramente uma possessão permanente do indivíduo à parte da comunidade na qual e através da qual era conferida”.<sup>23</sup>

O aspecto sacerdotal do novo sumo sacerdote cristão mudou o conceito no Novo Testamento do mi-

nistério e sua nomeação. Eric G. Jay bem o expressa: “Este enfoque do ministério, ao ganhar aceitação, ajudado sem dúvida pelo uso comum da terminologia sacerdotal, inevitavelmente causou uma nova eclesiologia, a qual vê a Igreja essencialmente como um corpo hierárquico. Perdeu terreno o conceito da Igreja como o conjunto total do povo de Deus, e a diferença entre o clero e o laicato foi altamente acentuada, relegando ao último o papel de dependente passivo. Essa eclesiologia viria sob um ataque formidável no século XVI.”<sup>24</sup>

#### Lutero e Calvino

**O** ataque inicial de Lutero ao sistema dos sacramentos romanos inclui sua crítica à ordenação como um sacramento. Ele declara que “a Igreja de Cristo nada sabe [acerca da ordenação como um sacramento]; é um invento do papal. Não somente inexistente qualquer promessa de graça adicionada a ela, como não há uma só palavra dita a seu respeito em todo o Novo Testamento. Agora, é ridículo expor como sacramento de Deus algo que não está comprovado haver sido instituído por Ele”.<sup>25</sup> Por conseguinte, para Lutero, “a ordenação nada mais é que um certo ritual no qual alguém é chamado ao ministério da Igreja. O caráter indelével da ordenação é uma ficção. Os ministros podem ser suspensos temporalmente, ou privados permanentemente de sua posição”.

---

**Para Lutero, o caráter indelével da ordenação é uma ficção. Os ministros podem ser suspensos temporalmente, ou privados permanentemente de sua posição.**

---

Da mesma forma, Calvino ataca a idéia sacramental católica romana da ordenação, a qual, supostamente, outorga a quem a recebe o poder de “oferecer sacrifícios para apaziguar a Deus”. Conseqüentemente, “todos aqueles que são chamados sacerdotes são prejudiciais para Cristo, no sentido de oferecer vítimas expiatórias”.<sup>26</sup>

O chamado ao ministério está vinculado com a doutrina do sacerdócio dos crentes. Por meio do batismo e da fé “todo cristão possui a Palavra de Deus, sendo ensinado e ungido por Ele para ser sacerdote”, escreveu Lutero em 1523, e ele não mudou esse conceito. Em 1535, ele mesmo introduziu a ordenação cerimonial em Wittenberg, porém depois disso voltou a escrever, em 1539, afirmando que “é suficiente que você tenha sido consagrado e ungido com a sublime e santa unção de Deus, com a Palavra de Deus, com o batismo, ... a partir de então, você tem altura e glória suficientes, e está investido com a indumentária sacerdotal”.

Através do batismo é assegurado a todos os cristãos “que somos todos igualmente sacerdotes, isto é, temos a mesma autoridade com respeito à Palavra e aos sacramentos”. Ninguém deve usar essa autoridade por iniciativa própria, por que “o que é propriedade comum a todos, nenhum indivíduo pode adjudicar, a menos que tenha sido chamado”. Aqui está a ponte que Lutero estabelece entre um ministério público e um oficial.

O conceito de Lutero sobre o sacerdócio de crentes foi tirado de sua cristologia e soterologia: “Porque todos temos um só batismo, um evangelho, uma fé, e todos somos igualmente cristãos; pois o batismo, o evangelho e a fé só nos tornam pessoas espirituais e cristãs.” Em troca, sendo que a *ekklēsia* é o sacerdócio de crentes, o ministério oficial é um ministério representativo, ao qual também se conhece como um ministério delegado ou transferido.

O enfoque comum de todos os reformadores, com respeito ao sacerdócio dos crentes foi introduzido na prática, de modo especial, por Calvino em sua forma presbiteriana de organizar a Igreja. Calvino acentuou o fato de que como crentes “todos somos sacerdotes”. Aqui, os pastores e anciãos (que excedem em número aos pastores) exerciam uma crítica paternalista, aconselhamento e disciplina. A nomeação de um novo ministro vinha de uma sugges-

tão por parte dos ministros, que tinham seu próprio concílio, porém seu consentimento tinha que ser obtido do corpo de crentes e finalmente das autoridades da cidade. O pastor era então instalado ou comissionado por seu povo, seus concílios de igreja e o concílio governamental.<sup>28</sup>

Para Lutero, o chamado, em lugar da cerimônia de imposição de mãos, é decisivo no ministério. Schoenleber comenta: “Lutero negou a idéia de que o ritual da ordenação em mãos de um bispo é um pré-requisito necessário para reter e exercer o ministério. Um chamado, não a ordenação ritual, é o único pré-requisito teológico para exercer o ministério. Uma cerimônia usando a oração e a imposição de mãos pode ser empregada para instalar os ministros em suas congregações (como uma afirmação pública de seu chamado), porém é opcional e repetido cada vez que o ministro muda de congregação.”<sup>29</sup>

Para Calvino, o chamado também é importante, não o rito da ordenação. “Assim pois, se alguém for julgado como verdadeiro ministro da Igreja, ele primeiro deverá ter sido chamado adequadamente”. Junto com “o chamado externo e formal, o qual se relaciona com a ordem pública da Igreja”, também temos “o chamado secreto do qual cada ministro é consciente de si mesmo diante de Deus”.<sup>30</sup>

Calvino continua dizendo: “Vemos então, que os ministros são legitimamente chamados de acordo com a Palavra de Deus, quando aqueles que aparentam ser aptos são escolhidos com o consentimento e a aprovação do povo. Outros pastores, no entanto, deverão presidir a escolha, a fim de que o corpo em geral não cometa um erro, quer seja por levandade, más paixões ou tumultos.”

Nos esforços de Lutero por estabelecer uma Igreja evangélica, antes de 1535, “a ordenação ritual não era um requisito para ser ministro, e nenhum método regular de ordenação foi introduzido na nova Igreja, senão até 1535. Mesmo assim, não há evidência indicando que antes de 1535 Lutero haja tentado persuadir o eleitor para que autorizasse as ordenações, ou que tenha dito que ela seria necessária para exercer o ministério”.<sup>31</sup> Na verdade, Melancton, o sistematizador da teologia protestante, foi um teólogo leigo.

Calvino encontrou apoio bíblico para a imposição de mãos ao instalar um ministro.

Lutero fez o mesmo. Entretanto, Calvino, como Lutero, o considerava como um simples ritual ou cerimônia, “conveniente à ordem e à beleza”, porém, não tendo “em si mesma força ou poder algum”.<sup>3</sup>

### Ordenação formal

**N**a primavera de 1535, o eleitor de Saxônia estabeleceu que a ordenação formal fosse um pré-requisito para exercer o ministério em seu território. Os candidatos ao ministério deveriam ser examinados e ordenados pela Faculdade de Teologia de Wittenburg. Aparentemente o eleitor duvidava da verdadeira capacidade das pessoas não ordenadas para assumir cargos ou exercer o ministério. Ele, evidentemente, viu uma necessidade teológica da ordenação ritual, e assim, finalmente, decretou que fosse uma condição legal para exercer o ministério.

Lutero aceitou a ordem sem mudar seu conceito teológico sobre o ritual da

ordenação, sempre que a pregação da Palavra pudesse ser realçada. O pragmatismo parece ter sido o motivo de Lutero. Ele encarava o mandato como uma oportunidade pela qual um ministério pudesse ser desenvolvido com uma norma moral mais elevada, uma melhor educação, salário mais razoável, e um prestígio profissional e social melhor reconhecido; uma meta digna, porém conseguida com a ajuda dos poderes seculares. No outono de 1535, Lutero pregou um sermão sobre a ordenação, no qual explicou as novas disposições. Ele notou que a Saxônia enfrentava uma forte ameaça de ensinamentos falsos em suas igrejas e que o mandato da ordenação era um passo correto para extirpá-los, uma vez que outorgava a Wittenburg o controle sobre a qualidade dos novos pastores.

Enquanto em Genebra, Calvino descobriu que era melhor abster-se da imposição de mãos. Ao regressar de Estrasburgo a Genebra, em 1541, o concílio da cidade prometera cooperar com ele, porém como François Wendel assinala, somente sob “a condição de que isto não usurpasse nenhuma das prerrogativas do poder civil, ou que não afetasse certos costumes que a igreja em Genebra mantinha junto

com as igrejas de Berna, e que deveriam ser mantidos por razões políticas”. Uma dessas condições era que “a instalação de novos pastores não podia ser acompanhada da imposição de mãos, de acordo com o exemplo de Estrasburgo; eles tinham que ser simplesmente iniciados com uma oração e um sermão sobre suas funções pastorais. Depois de tudo, estes eram detalhes de menor importância, e Calvino os favoreceu”.<sup>33</sup>

Dessa forma, Lutero introduziu o rito da imposição de mãos sob a influência do poder civil, enquanto Calvino o eliminou por causa do poder civil. Porém Calvino voltou ao assunto. Na última edição do livro *Institutes* (latim, 1559; e francês, 1560), Calvino aprovou a imposição de mãos ao fazer referência ao Novo

Testamento. Ele afirmou que os pastores, professores e diáconos eram consagrados dessa maneira. Admitiu que “não há nenhum preceito fixo concernente à imposição de mãos”, porém não considerou um símbolo prático pelo qual “a dignida-

---

## Lutero introduziu o rito da imposição de mãos por causa do poder civil, enquanto Calvino o eliminou por causa do poder civil.

---

de do ministro deve ser recomendada às pessoas, e a quem é ordenado, lembrando-lhe que não pertence a si mesmo, mas que está ligado pelo serviço a Deus e à Igreja. Ademais, isto não resultará ser um símbolo vazio de significado, se é restaurado à sua origem genuína. Pois se o Espírito de Deus não instituiu nada inútil na Igreja, não vamos sentir que esta cerimônia aprovada por Ele é desnecessária, sempre que não seja usada supersticiosamente”.<sup>34</sup>

James L. Ainslie, em seu estudo intensivo do ministério nas igrejas reformadas dos séculos XVI e XVII, diz: “As opiniões diferem na maioria das igrejas, tanto as reformadas como as outras, a respeito do rito [imposição de mãos] sendo essencial na ordenação ou em coisas semelhantes. Alguns sustentam que deve ser absolutamente essencial, enquanto outros consideram que é melhor omiti-lo, ou pelo menos que não seja considerado essencial, sendo usado apenas como uma indicação externa da ordenação”.<sup>35</sup>

Ainslie cita vários exemplos para ilustrar diferentes conceitos. O *Scottish First Book of Discipline* fala contra a imposição de mãos. Em 1851, o *Second Book of Discipline* “definitivamente autorizou o rito, ainda que ... a

forma em que está escrito não indica que deva ser forçado na ordenação. E não foi imposto. Os ministros foram livremente admitidos”.

A Igreja Reformada na Holanda também sentiu que o rito era desnecessário. Nos cânônicos de 1577 “a omissão da imposição das mãos na ordenação” foi decretada, porém no Sínodo de Dort, em 1619, a imposição de mãos foi estipulada.

Nos lugares onde se praticava a imposição de mãos existiam variantes quanto a quem devia executar o ritual: um ministro, vários ministros, ou ministros e leigos.

Esses exemplos podem nos dizer duas coisas: primeira, que o chamado e a nomeação, não o rito cerimonial, são de significado básico. E, segunda coisa, que Deus, sob circunstâncias específicas, chama as pessoas para tarefas singulares através do Espírito Santo (como Melancton e Calvino, que nunca foram ordenados).

A História nos diz que a ordenação é realizada tendo em mente diversos conceitos sobre as relações entre a Igreja e a sociedade. Como o escreve Warkentin: “A Igreja de Jesus Cristo buscou seus patronos, para os diversos postos, na sociedade na qual estava inserida, apesar das advertências de nosso Senhor de que Ele estava começando uma nova sociedade com sua própria estrutura autoritativa singular. Se estivéssemos convencidos de que o crente individual está sendo, ou pode ser transformado pelo Espírito de Deus, então a Igreja também deve demonstrar ao mundo que é a comunidade dos remidos. Suas estruturas políticas devem refletir o caráter transformado da comunidade em sua totalidade se o mundo vai receber seriamente o evangelho.”<sup>36</sup>

#### Referências:

1. *Baptism, Eucharist and Ministry*, Genebra, Concílio Mundial de Igrejas, 1982, pág. 31.
2. David DAube, *The New Testament and Rabbinic Judaism*, Londres, 1956, págs. 224 a 246.
3. *SDABC*, vol. 1, Califórnia, EUA, pág. 665.
4. *Enciclopédia Judaica*, vol. 14, 1972, págs. 1139 a 1147; *The Jewish Encyclopedia*, vol. 9, 1905, págs. 552 a 554.
5. Hastings, vol. IX, pág. 553.
6. Marjorie Warkentin, *Ordination: A Biblical-Historical View*, Grand Rapids, 1982, pág. 17.
7. *Enciclopédia Judaica*, vol. 14, pág. 1140.
8. *La Enciclopédia Judia*, vol. IX, pág. 429.
9. *Idem, idem*.
10. Hugo Mantel, “*Ordination and Appointment in the Period of the Temple*”, *Harvard Theological Re-*

*view* 57, 1964, págs. 325 a 346.

11. *Idem*, pág. 41.
12. Arnold Ehrhardt, “*Jewish and Christian Ordination*”, *Journal of Ecclesiastical History* V, 1954, pág. 131.
13. Everett Ferguson, “*Laying on of Hands: Its Significance in Ordination*”, *Journal of Theological Studies* XXVI, 04/75, pág. 2.
14. —————, “*Jewish and Christian Ordination*”, *idem*, pág. 15.
15. Warkentin. *Op. cit.*, págs. 109 a 152.
16. H. Bum-Murdoch, *The Development of the Papacy*, Londres, 1954, págs. 76 e 77.
17. Eduard Schewizer, *Church Order in New Testament*, Londres, 1961, pág. 208.
18. T. F. Torrance, “*Consecration and Ordination*”, *Scottish Journal of Theology*, 19/05/80, págs. 235 e 237.
19. Kenneth S. Wuest, *The Pastoral Epistles in the Greek New Testament: For the English Reader*, Grand Rapids, 1953, págs. 87 e 88.
20. Birger A. Pearson, *Ministry and Ordination in the Early Church*, Ecclesial Lieturgia Ministerium; Helsinki, 1977, pág. 133.
21. R. Newton Flew, *Jesus and His Church: A Study of the Idea of the Ecclesia in the New Testament*, Londres, 1938, pág. 38.
22. *The Apostolic Tradition of Hippolytus*, 1962, pág. 38.
23. George H. Williams, “*Ministry in Late Patristic Period*” e “*The Ministry in Historical Perspectives*”, *Nova Iorque*, 1956, págs. 74 e 75.
24. Eric G. Jay, *The Church: Its Changing Image Through Twenty Centuries*, Atlanta, 1978, pág. 58.
25. Luther’s Works, vol. 36, Saint Louis, 1958, págs. 106 e 107.
26. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, Grand Rapids, 1957, livro IV, cap. XIX, sec., XXVIII.
27. Luther’s Works, vol. 39, *idem*, pág. 309.
28. Phillip Schaff, *History of the Christian Church*, vol. 3, Grand Rapids, 1910, págs. 480 a 484.
29. Richard W. Schoenleber, *The Sovereign Word: The Office of the Ministry and Ordination in the Theology of Martin Luther*, Iowa, 1983, págs. 169 e 170.
30. Calvino. *Op. cit.*, X, XI, Livro IV, cap. 3, sec. X, XI.
31. Richard W. Schoenleber. *Op. cit.* págs. 240 e 241.
32. John Calvin, *Commentary Upon the Acts of the Apostles*, vol. 1, Grand Rapids, 1957, pág. 238.
33. François Wendel, *Calvin: The Origins and Development of His Religious Thought*, Londres, 1963, pág. 71.
34. Calvino, *institutes*, Livro IV, cap. 3, sec. XVI.
35. James L. Ainslie, *The Doctrines of Ministerial Order in the Reformed Churches of 16th and 17th Centuries*, Edimburgo, 1940, pág. 150.

# O conhecimento e a filosofia cristã

MARCOS SILVA

*Professor de História e Filosofia no Iaene,  
Cachoeira, BA.*

**D**e início, é fundamental estabelecer que não pretendemos, neste artigo, apresentar a “Teoria do Conhecimento”, muito menos defender um “Intelectualismo religioso”. Também não é nosso propósito sustentar um exagerado fideísmo. Nossa intenção é destacar como é o conhecimento na conceituação bíblico-cristã, partindo, obviamente, do pressuposto da cognoscibilidade divina.

Até por definição, o próximo esclarecimento que necessitamos fazer é que, biblicamente, a relação Sujeito – Objeto do conhecimento assume uma conotação diferente do usual, conotação religiosa, em que o sentimento de absoluta dependência de Deus está continuamente presente. Assim sendo, quando falamos do conhecimento de Deus, não podemos dizer que Ele é o objeto de nosso conhecimento. Para o crente, Deus é sempre o sujeito em tal relação.

Escrevendo aos cristãos da Galácia, Paulo afirmou: “Mas, quando não conhecéis a Deus, serviéis aos que por natureza não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus, ou antes, sendo conhecidos de Deus...” (Gál. 4:8 e 9). A idéia que percebemos nesse texto é que nosso conhecimento de Deus existe em função da ação divina em relação a nós. E na realidade, a consciência humana, presa à cisão Sujeito – Objeto que lhe é obrigatória, não pode alcançar o Ser, o Absoluto, nem o sentido de totalidade.

## Tempo e espaço

**P**ara Carl G. Jung, “parece que foi a consciência humana a criadora e redutora do conceito de tempo e espaço. Diz ele: ‘Assim, quer parecer-nos que tempo e espaço estão em interdependência com condi-

ções psíquicas, que não possuem existência própria, mas são apenas estabelecidos pela consciência’”.<sup>1</sup>

Há cerca de seis mil anos, como resultado do pecado, a consciência humana fragmentou-se, tornando-se presa não somente à cisão Sujeito – Objeto, mas também às limitações de tempo e espaço. Vivemos uma atrofia da consciência, tanto coletiva como individual. Assim, podemos estabelecer na queda humana, o berço do desditoso princípio de causa e efeito, que se tornou o orgulho das ciências naturais.

No ambiente edênico, onde se vive a reintegração do tempo, os acontecimentos transpõem os limites do acaso, não se derivando reciprocamente, mas tornando-se dependentes de uma causa conhecida. Tal sincronicidade não é lógica para nós. No entanto, mesmo em meio à situação cognitiva deficiente em que vivemos, “o mais alto grau de consciência a ser alcançado é o conhecimento de Deus”.<sup>2</sup>

Assim sendo, podemos apresentar a fonte do conhecimento dentro do sistema filosófico do cristianismo.

## Racionalismo

**Q**uando em Isaías 1:18 e 43:26, Deus convida o homem a uma dialética racional, evidencia-se o reconhecimento divino da capacidade da razão chegar ao conhecimento. Filosoficamente, é o Racionalismo quem estabelece uma completa ênfase na razão, como forma de atingir-se o conhecimento.

No entanto, quando Deus, no mesmo livro de Isaías 55:8, diz: “Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos...”, está estabelecendo as limitações do

conhecimento fundamentado no pensamento, na razão.

Exatamente por isso, somos advertidos por Ellen White, no sentido de que “tenhamos cuidado com as filosofias especulativas e com a exaltação da razão humana acima de seu verdadeiro valor. Ela declara que o racionalismo faz da razão um ídolo e deixa de lado a Bíblia, enquanto exalta a sabedoria humana como fonte de verdade religiosa”.<sup>3</sup>

---

### Empirismo

---

**A**o escrever aos romanos (Rom. 1:18 a 20), o apóstolo Paulo reconhece a capacidade das percepções sensoriais de alcançar algum conhecimento de Deus. Seria um reconhecimento do Empirismo.

Analisando a pergunta – “Deus existe?”, o filósofo existencialista Karl Jaspers diz que tal indagação não tem sentido, levando-se em conta a realidade de que Deus é transcendente e, empiricamente, a resposta não pode ser outra senão uma negação que desconhece o que nega. Entretanto, apesar de reconhecer que o conhecimento empírico ou científico jamais descobre a transcendência, considera a mesma sensível à existência.

“É da realidade empírica, e não de outro lugar, que a existência tira, se não o conhecimento da transcendência, pelo menos os sinais que dela falam e a que Jaspers chama cifras ou escrita cifrada da transcendência.”<sup>4</sup>

Na filosofia oriental, os sentidos são vistos como algo intrinsecamente mau. No entanto, na concepção bíblica, Deus procura atingir o homem em suas percepções e através delas. Tal como o demonstra Isaias 64:4.

---

### Revelação

---

**E**mbora o cristianismo valorize tanto a razão como a percepção sensorial, estabelece o que se encontra em I Cor. 2:9 e 10: “... As coisas que o olho não viu e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo Seu Espírito;”

“A revelação consiste em receber conhecimento da verdade da parte de alguém que tem informação especial.”<sup>5</sup>

Após estabelecermos esse triunvirato de razão (podendo envolver a intuição), percepção sensorial e revelação como fonte de conhecimento para o cristão, é importante que firmemos a realidade da sabedoria distorcida.

---

### O responsável

---

**O**s exemplos do cotidiano, como a ilusão de ótica, nos mostram que os sentidos e o raciocínio às vezes nos enganam. O filósofo racionalista francês, René Descartes, admite a existência de um engano universal, e diz que alguém deve ser o responsável por isso.

“O ser humano não pode ser responsabilizado, porque ele não fez a si mesmo. ...”<sup>6</sup> Era preciso encontrar um sujeito exterior ao homem. E ele atribui a um “gênio maligno” a responsabilidade pelo engano universal.

Na realidade, *Diabolus*, traduzido literalmente quer dizer “o que tudo confunde”.

Inicialmente, já estabelecemos a atrofia da consciência humana. E a Bíblia nos informa que “o mundo inteiro jaz no maligno” (I João 5:19).

---

### Alienação

---

**V**erdadeiramente, numa abordagem psicológica, o mundo inteiro está alienado, porque lhe falta a consciência de seus reais problemas e necessidades. A maior necessidade do mundo é do verdadeiro conhecimento de Deus. Não é à toa que, através do profeta Oséias, o Senhor clama: “o Meu povo foi destruído porque lhe faltou o conhecimento.” (Oséias 4:6).

O maior problema do homem é a sua sujeição psicológica às estruturas e conjunturas mentais que constituem verdadeiras prisões do pensamento de curta, média e longa duração, as quais configuram um quadro mental, como a herança cultural, os sistemas de crença e as concepções de mundo, que são muito bem estabelecidas pela história das mentalidades.

Comentando a problemática do homem contemporâneo, o sociólogo Wright Mills afirma: “Presos aos ambientes limitados de suas vidas diárias, os homens comuns com frequência não podem raciocinar sobre as grandes estruturas – racionais ou irracionais – de que seu ambiente é parte subordinada...”



“O advento do homem alienado, e todos os temas que estão por trás desse evento, afetam agora a totalidade de nossa vida intelectual séria e provocam nosso mal-estar intelectual imediato. É um dos grandes temas da condição humana na época contemporânea, e de todos os estudos dignos do nome. Não conheço idéia, tema ou problema que seja tão profundo na tradição clássica – e tão envolvido na possível omissão da ciência social contemporânea... Chegará a predominar ou até mesmo a florescer, o que podemos chamar de Robô Alegre?”<sup>7</sup>

Por tudo isso, agora, mais do que nunca, a mensagem do apóstolo Paulo aos cristãos de Roma é necessária para ser vivida: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (Rom. 12:2).

### Mudança de rumo

**P**recisamos romper com as conjunturas e estruturas mentais que aprisionam nosso pensamento, ou seja, precisamos vencer o condicionamento social de nossa consciência e moldá-la não pelos modismos ideológicos, mas pela vontade de Deus.

Não foi sem razão que quando Cristo iniciou Seu ministério, pregava: “Arrependei-vos porque é chegado o reino dos Céus.” (Mat. 4:17). E isso significava originalmente “mudem de opinião”.

Está justamente numa cosmovisão firmada, arraigada nas consciências individuais e coletivas em desacordo com o conhecimento do verdadeiro Deus, o maior grau de alienação e do engano do mundo, de origem diabólica.

No entanto, não é nossa pretensão coisificar nem radicalmente intelectualizar a re-

lação e a comunicação com Deus. Quando uma moça detalhista vê um rapaz pela primeira vez, ela pode fixar na memória uma descrição de seu modo de vestir, seu penteado, mas quando ela namora pela primeira vez, o que guardará serão os sentimentos vividos.

Assim, a verdadeira relação e comunicação com Deus é existencial. Uma existência que procura comunicar-se com outra. Por isso, na concepção bíblica, em alguns momentos, conhecer é manter umarelacão íntima.

Mas conhecer a Deus não é só uma atividade racional e emocional. É mais que isso. Em suma, o conhecimento de Deus tem que ser *experimental*, como apresentado em Jeremias 31:33 e 34. E como tal, é algo que precisa ser internalizado,

incorporado, que leva à ação de amor. É algo individual, pessoal, intransferível, e que ocorre no sacrário mais íntimo do ser.

E mais: “Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.” (II Cor. 4:18). O cristão está interessado na experiência de conhecimento do Deus sobrenatural. Assim, religião não é só saber. Não é apenas sentir. Tampouco é simplesmente fazer. Religião também é transcender.

### Referências:

1. Helmut Wolff, O Cristo Histórico, Casa Publicadora Brasileira, Santo André, SP, 1981.
2. Idem, idem.
3. Conrad D. Clausen, “Racionalismo, Empirismo e Cristianismo como sistemas filosóficos para chegar à verdade”; artigo publicado em O Ministério Adventista, Maio/Junho, 1980.
4. Jeanne Hersch, Karl Jaspers, Editora da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1982.
5. Conrad D. Clausen, Op. Cit.
6. Mário Sérgio Cortella, Descartes: a paixão pela razão, FTD, São Paulo, SP, 1988.
7. Wright C. Mills, A Imaginação Sociológica, Zahar Editora, Rio de Janeiro, RJ, 1982

# Um líder para ser imitado

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

Bibliotecário do Colégio Adventista de Santo  
Amaro, São Paulo, SP.

Os anais da história humana estão repletos de exemplos de homens que se tornaram líderes da melhor qualidade. Um, dentre esses, foi Moisés, citado na Bíblia como um homem que marcou profundamente a vida do grupo sobre o qual liderou – os hebreus.

Moisés levava uma vida comum, pacata, nas terras de Mídia, quando recebeu o chamado de Deus, para libertar Seu povo das amarras do cativeiro egípcio. “Vem, agora, e Eu te enviarei a Faraó para que tires o Meu povo, os filhos de Israel, do Egito”, disse-lhe o Senhor (Êxodo 3:10). Tamanha incumbência o deixou supreso e perplexo. Ele não possuía dotes extraordinários inatos. Consciente dessa realidade, tentou argumentar com Deus: “Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel? ... eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que faleste a Teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua.” (Êxodo 3:11 e 4:10).

Apesar disso, ou por causa de tudo isso, Deus lhe concedeu qualidades que foram desenvolvidas no exercício da liderança.

## Delegação de responsabilidades

Desde o início, Moisés procurou orientar-se por uma visão que ultrapassava os limites do imediatismo, interpretando sua função não como uma tarefa qualquer, mas como uma verdadeira e sagrada missão.

Exemplo de paciência, cheio de confiança, ânimo e entusiasmo, ele transmitia tais sentimentos nos momentos de crise. Com tato e diplomacia, sabia administrar muito bem os conflitos internos e externos de seu grupo. Colocava-se como consultor para as decisões importantes e, nessas ocasiões, mostrava-se humilde e sábio o suficiente para aproveitar a experiência dos mais velhos unida à pujança dos mais jovens.

Moisés garantia as normas básicas que deviam orientar sua “congregação”, mas aceitava mudanças que enriqueciam as rela-

ções entre os seus membros. Sua postura ética era respeitada por todos.

Aconselhado por seu sogro, Jetro, e sob a orientação divina, aceitou nomear auxiliares, dividindo com eles suas pesadas responsabilidades: “Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta, e chefes de dez, para que julguem este povo em todo tempo. Toda causa grave trarão a ti, mas toda causa pequena eles mesmos julgarão; será assim mais fácil para ti, e eles levarão a carga contigo.” (Êxodo 18:21 e 22).

Dessa maneira, o grande líder coordenava a ação de todos em sintonia com um planejamento global.

## Convicção e conduta

Na qualidade de líder máximo, o apoio de Moisés ao grupo era sempre benéfico. Sua preocupação principal era levá-lo a alcançar as metas estabelecidas. Mostrava que as conquistas do grupo exigiam o esforço e a participação de todos, deixando bem claras as regras fundamentais a serem seguidas.

Para Moisés, as mudanças aconteciam quando as pessoas eram intimamente convencidas de sua importância. Nenhuma mudança externa pode ser incompatível com as convicções pessoais. O que uma pessoa crê está intimamente ligado com o seu modo de agir.

Uma preocupação mais estava sempre presente na mente de Moisés. E esta era relacionada com a formação e o desenvolvimento dos novos membros, responsabilidades que ele colocava nas mãos dos auxiliares mais experientes. Atraía o respeito de cada um, procurando manter num plano elevado o sentimento de estima própria, entusiasmo e otimismo de cada pessoa. Acima de qualquer coisa, ele colocava o bem comum.

Por tudo isso, e muito mais, Moisés acabou sendo imortalizado na memória do povo judeu.

## Modelos que se repetem

**A** lei da vida é aplicável a todos os indivíduos. Ela determina, às vezes, a mudança de homens em qualquer ramo de atividade. Quando isso se faz necessário, na indicação dos traços que devem caracterizar os líderes candidatos a algum posto, numa instituição ou numa igreja, a extraordinária figura de Moisés não pode ser esquecida, como padrão do líder. Quem quer que seja encontrado na contingência de assumir uma função de liderança, deve espelhar-se em Moisés, aprendendo de suas virtudes, seu caráter e comportamento. A imitação desse modelo tornará o líder moderno capaz de enfrentar, com êxito, os desafios que lhe estão reservados.

Hoje, a velocidade das transformações exige líderes dotados de agilidade, abertos ao diálogo, inteligentes, atualizados e dispostos a acompanhar as mudanças da época.

O acesso cada vez mais rápido às informações bem como as oportunidades de desenvolvimento pessoal, conferem uma autonomia também crescente às congregações, que começam a substituir certos modelos de liderança heróica por aqueles de liderança de sinalização. Nesse caso, os líderes de valor passam a ser aqueles que se destacam nos grupos como “batedores”, os que abrem caminho, que municiam as equipes com idéias e instrumentos compatíveis com os desafios que lhe são atribuídos.

O antigo conceito de motivação começa a ser substituído por aquele de automotivação, considerado como grau superior para a ação. O comprometimento de todos na elaboração e prática dos programas e estratégias organizacionais é o novo nome do desenvolvimento de uma empresa e, também, de uma corporação religiosa qualquer.

## O novo líder

**N**os dias de hoje, estamos vivendo o fim da concentração absoluta de poder e informações no nível da chefia. E por uma razão óbvia: todas as pessoas devem ter acesso rápido às informações de que dependem para agir.

Conhecer e segmentar as necessidades e expectativas de cada pessoa é uma outra importante característica da liderança, muito valorizada no mundo empresarial. Isto contribui para a agilização do trabalho de cada um, evitando desperdícios e, por conseguinte, o sentimento de inutilidade. Com isso, estamos

progredindo em direção a uma nova era – a dos processos permanentes de melhoria.

A partir do momento em que os liderados começam a usar bem a automotivação, a supervisão passa por uma fase de reestudo de sua missão principal. Os líderes adquirem um novo perfil, passando a atuar como facilitadores e sinalizadores da ação, modernizadores de processos, canalizadores de informações rápidas, valorizadores de desempenho e emanaadores de desafios para pessoas e equipes.

## Líder e servo

**A** maioria das pessoas não tem nada contra o fato de alguém tornar-se “senhor”. Mas há muito pouca atração em tornar-se servo.

O líder, segundo Jesus Cristo, deve ser o primeiro no serviço entre iguais. Certa ocasião, percebendo que Seus discípulos ainda estavam distantes de compreender a verdadeira natureza de Seu reino e Sua missão, o Mestre pulverizou mais uma disputa interna por melhor *status*. Eis Suas palavras: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo; tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos.” (Mat. 20:25-28).

Esse pensamento, obviamente, não torna desnecessária a existência de uma hierarquia. Do contrário, o processo se tornaria anárquico. Mas o que realmente importa não é função, ou o *status*. O que conta é sempre a atitude. Não importa onde alguém esteja atuando, desde que tenha uma mentalidade de servir. Todo líder cristão necessita espelhar-se naquele modelo que veio “para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos”.

Assim aconteceu com Moisés. É por isso que o Senhor refere-Se a ele como “Moisés, Meu servo”; e não “Moisés, o líder”, “Moisés, o chefe”, ou “Moisés, o senhor”.

Em suma, o líder de sucesso é aquele que tira do seu tesouro coisas novas e velhas. As “coisas velhas” são constituídas pelo perene e sempre necessário ensinamento adquirido dos líderes antigos e experientes, provados pelo tempo. As “coisas novas” podem significar aquela atenção permanente, com disposição para adequar-se, aos novos tempos e desafios do momento atual.

# Como se faz um pastor

ZINALDO A. SANTOS  
Editor da revista *Ministério*

Um dos versículos bíblicos que apresentam certa dificuldade de interpretação é o texto de Jeremias 17:16, onde se lê: “Mas eu não me recusei a ser pastor seguindo-Te; nem tampouco desejei o dia da aflição. Tu o sabes; o que saiu dos meus lábios está no Teu conhecimento.” As maiores discussões giram especificamente em torno da primeira frase do verso – “Mas eu não me recusei a ser pastor seguindo-Te”.

Segundo o Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, essa frase originalmente seria “Não me apressei para não ser pastor”. Alguns eruditos entendem que, ao se expressar dessa maneira, Jeremias queria dizer que não se havia apressado a deixar seu trabalho como pastor a fim de aceitar a comissão profética que Deus lhe dera. Supõem que antes de ser chamado como profeta, Jeremias pastoreava em Anatote e adjacências.

Há também os que acreditam serem as palavras de Jeremias, indicadoras de seu propósito de não abandonar a missão de seguir a Deus como pastor espiritual.

Outros até sugerem que a leitura da palavra *ro'eh*, traduzida como “pastor”, deveria ser substituída por *ra'ah*, que quer dizer “mal”, considerando que no hebraico, sem vogais, elas são idênticas.

Com tanta discussão, não admira que sejam tão variadas as versões do texto em apreço. A *Bíblia de Jerusalém*, por exemplo, o traduz da seguinte maneira: “Eu não me acheguei a Ti para o mal e não desejei o dia fatal; Tu o sabes; o que saiu de meus lábios está aberto diante de Ti.” Já a *Versão Trinitária* diz: “E quanto a mim, não me apressei para que não fosse pastor após Ti; nem desejei o dia desesperado, Tu o sabes. O que saiu dos meus lábios foi reto na Tua presença.” Segundo a tradução do Padre Matos Soares,

são estas as palavras do profeta: “Mas eu não me turbei seguindo-Te como meu pastor, nem desejei dia de homem: Tu o sabes. O que saiu dos meus lábios foi reto na Tua presença.”

E a *Bíblia na Linguagem de Hoje* assim verte o texto: “Mas, Senhor, eu nunca pedi que fizesses a desgraça cair sobre eles, nem pedi que passassem por tempos difíceis. O Deus, Tu sabes disso; Tu sabes o que eu disse”.

R. K. Harrison, professor de Antigo Testamento no Colégio Wycliffe e na Universidade de Toronto, sugere que o sentido do verso parece ser que Jeremias não iria abandonar suas funções de profeta somente por ser perseguido. Pelo contrário, ele ora por graça para poder suportar a oposição até que a verdade se manifeste, quando todos veriam que o que ele estava proclamando, com tanta fidelidade, não era a sua própria palavra mas a de Deus.

Sem dúvida, uma sugestão que se encaixa bem no senso de missão e de chamado divino, que caracterizou a vida e o ministério de Jeremias (embora esse profeta seja também conhecido por suas lamentações). E que, evidentemente, deve ser visto na experiência de todo ministro de Deus. Mas, como chega um homem a possuir tamanha convicção? Que fatos ocorrem na vida de um indivíduo, levando-o a esse estado de comprometimento? Para entender isso, possivelmente necessitemos relembrar os fatos que definem e consolidam a vocação pastoral.

## A atração do chamado

Conta-se que certo dia, na cidade de Londres, um jovem, tendo-se deparado numa encruzilhada vocacional, dirigiu-se

ao grande pregador Spurgeon em busca de orientação e aconselhamento. E perguntou-lhe: "O senhor acha que eu devo me tornar um pastor?" Ao que Spurgeon respondeu: "somente se não puder evitá-lo."

Surpreendente e curiosa como possa ter parecido, a resposta foi sábia. As jóias mais caras do ministério pastoral são aqueles indivíduos que um dia sentiram não mais poder fazer outra coisa, atraídos que foram pelo chamado de Deus. Nenhuma outra alternativa para a vida lhes pareceu tão preciosa. E por isso hoje podem alegremente dizer, livres de preocupação com a problemática exegese, e com profundo senso de realização pessoal, "não me recusei a ser pastor, seguindo-Te".

Num outro episódio de sua vida, Jeremias rendeu-se novamente a esta realidade. Eis seu testemunho: "Quando pensei: Não me lembrarei d'Ele e já não falarei no Seu nome, então Sua palavra me foi no coração, como fogo ardente encerrado nos

meus ossos; fiquei cansado de suportar e não consegui deter-me." (Jer 20:9). O sentimento de frustração e fracasso diante de mais um revés levou o profeta a acreditar que a única alternativa era recuar de sua missão. Mas a conscientização da ordem divina, do chamado celestial, novamente aqueceu-lhe o ser, penetrando o interior "como fogo ardente", impulsionando-o a avançar.

Jeremias enfrentou o cárcere e a perseguição. Mas retroceder era ainda mais difícil do que prosseguir. Era preciso dar a mensagem, apesar da desonra, do escárnio e da perseguição. Então o Senhor tornou-Se para ele, justamente aquilo que deseja ser para os modernos ministros – o "poderoso guerreiro", que luta em seu favor.

#### Escolhido e moldado

**A**tividade pastoral é santa e elevada. E para desempenhá-la, um homem precisa estar plenamente consciente do chamado divino. Este não é um privilégio

que podemos usurpar. Ninguém escolhe ser um ministro. É Deus quem faz tal escolha. E quando alguém aceita essa indicação, já não pertence a si mesmo. Passa a viver sob ordens superiores. Qualquer pessoa pode escolher seguir uma profissão, abraçá-la ou abandoná-la, mantendo-se livre de qualquer prejuízo espiritual. No entanto, embora Deus não obrigue ninguém a ser um pastor, tampouco condicione a salvação de uma pessoa ao exercício dessa atividade, não será feliz o indivíduo que, tendo consciência do chamado divino, lança mão do arado e olha para trás. O ministério é uma sagrada vocação.

---

Ninguém escolhe ser um ministro.  
É Deus quem faz tal escolha.  
E quando alguém aceita essa indicação, já não pertence a si mesmo.

---

Condição indispensável para o sucesso pastoral é a disposição de servir. O exemplo de Paulo é singular: "Porque sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus;

para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos que sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com Ele." (I Cor. 9:19-23).

Desde o dia em que foi encontrado por Jesus, na poenta estrada de Damasco, Paulo não foi mais o mesmo de antes. A descrição que ele mesmo faz daquela experiência é empolgante e cheia de lições para nós. "Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no Céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que Me persegues? Dura coisa é recalçitres contra os agulhões. Então eu

perguntei: Quem és Tu, Senhor: Ao que o Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas, levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que Me viste, como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te do povo e dos gentios, para os quais Eu te envio, para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em Mim.” (Atos 26:13-18).

É imperioso notar uma afirmação de Paulo. Ele diz que o Senhor apareceu para lhe “constituir ministro”, expressão que repete, escrevendo aos efésios: “Do qual fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus, a mim concedida, segundo a força operante do Seu poder.” (Efés. 3:7).

Diz Roy Allan Anderson: “Quando o Senhor encontrou a Saulo de Tarso, na estrada de Damasco, iniciou a formação de um pregador, cujo nome seria ouvido em todos os rincões da Terra. Vários anos se passaram, antes de aparecer o produto final. A primeira coisa que o Escultor celestial fez naquela estrada síria, foi esmagar o orgulho natural e o amor-próprio, daquele sábio representante do Sinédrio. Na presença do Cristo vivo, a vanglória e a ambição humana foram espojadas na poeira da estrada. Mas então veio a ordem: ‘Levanta-te e firma-te sobre teus pés’. E desde aquele momento, Saulo percebeu que estava sob ordens e preso por cadeias invisíveis.” (*O Pastor Evangelista*, pág. 49).

O chamado de Paulo, ainda segundo Anderson, “certamente não foi uma preferência entre alternativas. Não havia outra alternativa. ‘Sobre mim pesa essa obrigação’, declarou ele (I Cor. 9:16). Contudo, a despeito dessa premência divina, havia uma emoção em todo o seu serviço para Deus. Vez após vez, suas mensagens soam com esta nota de alegria. ‘Regozije-me grandemente no Senhor’, diz ele em Fil. 4:10. E ao admoestar os seus conversos, escreve: ‘Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos.’ E ‘quanto ao mais, irmãos meus, alegrai-vos no Senhor. (Fil. 4:4; 3:1).’”

### Deus chama hoje

**A**ssim como chamou a Jeremias, Paulo e a tantos outros, no passado, o Senhor continua chamando homens para a tare-

fa especial de pastorear. Evidentemente, nem todos os membros da Igreja serão chamados a servir como ministros. Deus não deu todos os dons a todas as pessoas, embora haja lugar para cada membro na missão da Igreja.

Mas há pessoas às quais Ele deseja contemplar com o dom de pastorear. Quem quer que tenha ouvido o Seu chamado solene, jamais deve recusar-se a ser pastor. E quem quer que tenha se tornado um pastor, seguindo-O, jamais deve dar lugar ao pensamento de retroceder.

Que qualidades deveria possuir um homem chamado por Deus? Primeiramente, o homem a quem o Senhor chama, não necessita ser um gênio, ou alguém de grande prestígio social. Ele usa a todos – gênios ou não. Davi, por exemplo, era um obscuro pastor em Israel. Pedro, um rude pescador galileu. Lutero era filho de um modesto mineiro. Guilherme Carey era um sapateiro anônimo.

O homem a quem Deus chama não é perfeito, sem manchas. Isaías reconheceu-se pecador e indigno. Pedro mesmo era explosivo e impulsivo. Paulo não ficava muito atônito. Em obediência ao chamado, porém, todos eles foram transformados e, pela graça de Deus, habilitados a realizar grandes coisas em Seu favor.

Deus necessita de homens cheios de fé, paixão pelas almas, humildes, servos, dispostos a serem usados por Ele. O Senhor mesmo os chama, molda e lhes supre as deficiências. É Ele quem os faz verdadeiros e poderosos ministros, tornando-os Sua propriedade exclusiva.

### Cruz e coroa

**A** despeito da segurança e da felicidade produzida pela convicção do chamado divino, a tarefa de pastorear não é fácil de ser executada. É uma vida de renúncia de si mesmo. É abnegar-se, tomar a cruz de Cristo e carregá-la por caminhos às vezes íngremes e espinhosos. Mas as provas são nada menos que lições que enriquecem a experiência e burilam o caráter, imprimindo-lhe tenacidade e valor.

Além do mais, a expectativa sempre presente de Sua bendita companhia torna insignificante qualquer revés. E até nos permite antever o momento quando, das mãos de Jesus, receberemos “a imarcescível coroa de glória”.

# A tocha

VASTI VIANA

*Coordenadora da Afam na Divisão Sul-Americana.*

Em seus primórdios, os jogos olímpicos apresentam uma cerimônia na qual vários atletas corredores levam, em revezamento, a tocha olímpica acesa desde certa cidade grega até o local da realização das competições. Ainda hoje, noticiários de jornais e televisão nos mostram atletas passando um para o outro a tocha olímpica, após conduzi-la por algum trecho. Cada um fazendo sua parte com interesse, alegria e eficácia, a fim de que a tocha chegue ao seu destino no tempo certo, ou seja, o momento da abertura dos jogos. O momento da chegada da tocha é documentado pela imprensa e aplaudido pelas multidões, valendo salientar que o foco centraliza-se na tocha; não em quem a conduz.

Em nossa vida de esposa de pastor, ou mesmo como líder da Afam ou do Ministério da Mulher, vemos com muita frequência em semelhante situação. Todas estamos de certa forma empunhando a tocha de "primeira dama" do distrito, conselheira, ou líder de algum setor específico da Causa de Deus, e há ocasiões em que temos de passá-la para uma outra companheira.

Existem tochas mais apreciadas que outras, pois as vemos mais luminosas, mais enfeitadas, ou até mais leves. Há outras das quais não gostamos muito, em razão de que nos parecem mais pesadas, mais obscuras, ou mais desprovidas. No entanto, todas são tochas. Todas iluminam. Cada uma na sua intensidade e local próprios.

No decorrer da vida, chega o momento de passar essa tocha para a sucessora. Caso seja uma tocha considerada interessante, da qual gostamos muito, é comum ficarmos com saudades, e lamentamos ter de deixá-la. No caso de tratar-se de uma tocha considerada pesada e difícil, o sentimento é de alívio ao passá-la adiante.

Nessa troca de tochas, observamos que nossa experiência cristã se enriquece e vamos crescendo na vivência e no aprendizado de como lidar em variadas e diferentes situações. Portanto, não é sábio alguém envaidecer-se ao levar uma bela tocha, nem lamuriar-se ao carregar uma tocha difícil. É inteligente pedir do Senhor sabedoria e humildade para conduzi-la com disposição, e para reconhecer as lições de vida que Ele quer ensinar-nos em cada situação.

"Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso." (I Cor. 12:4-7).

Certamente o Senhor tem um propósito especial com esse intercâmbio. E não nos esqueçamos: os planos de Deus sempre são os melhores. Quando chegar o momento de passarmos a tocha que atualmente empunhamos, façamos isso com alegria e boa vontade, por maiores que sejam os sentimentos de saudade em nosso coração. Junto com a tocha, transmitamos à sucessora palavras de ânimo e encorajamento, ou alguma orientação necessária. Não nos deixemos dominar por sentimentos de tristeza ou perda.

Nossa corrida com a tocha da missão da Igreja é permanente. Apenas trocamos por uma outra, e nisso diferimos do atleta, que encerra seu papel ao terminar o trecho percorrido. Temos sempre a mesma tocha a nos esperar, em lugares e situações diferentes.

Busquemos no Senhor Jesus o poder e a sabedoria necessários para levarmos, dispostas e animadas, todas as tochas que Ele achar por bem colocar em nossas mãos.

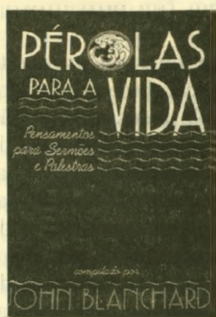
## BIBLIOTECA DO PASTOR



**CRÍTICA TEXTUAL DO NOVO TESTAMENTO**, – Wilson Paroschi; Edições Vida Nova, São Paulo, SP; 248 páginas.

Por que há discrepâncias entre os manuscritos bíblicos existentes? Como podemos saber qual o melhor manuscrito? O Professor Wilson

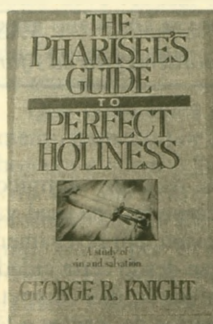
Paroschi, do Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia – IAE, responde a essas e outras questões, a partir da convicção de que a Bíblia é plenamente inspirada por Deus em sua composição original. Pastores, seminaristas e estudiosos do Novo Testamento darão graças a Deus por esta obra tão bem pesquisada e equilibrada. No fim, o leitor se sentirá capacitado para fazer, ele mesmo, uma avaliação equilibrada dos textos duvidosos.



**PÉROLAS PARA A VIDA** – John Blanchard; Edições Vida Nova, São Paulo, SP; 420 páginas.

Este é um livro de citações ideal para pregadores, professores e outros comunicadores cristãos. Servirá também como meio de orientação, inspiração,

discernimento, estímulo e auxílio para incontáveis cristãos em sua luta diária. O autor selecionou cerca de cinco mil citações de inúmeras fontes, e sobre vários assuntos tais como amor, Céu, cruz, fé, graça, família, etc.



**THE PHARISEE'S GUIDE TO PERFECT HOLINESS** – George Knight; Pacific Press Publishing Association, Boise, Idaho, EUA; 256 páginas.

“Que devo eu fazer para me salvar?” Essa é a pergunta mais importante que alguém pode fazer. Todavia, a res-

posta de muitos cristãos frequentemente vem acompanhada por sinais de fanatismo e controvérsia. A busca da santidade, ou tentativas para “reproduzir perfeitamente” o caráter de Cristo, não raro tem resultado em mais sentimento de culpa, ansiedade e extremismo entre muitos adventistas. Este livro reexamina o que a Bíblia ensina sobre pecado e salvação, ressaltando as boas-novas do evangelho.



**O PODER DA FALA** – Dorothy Leeds; Editora Record, Rio de Janeiro, RJ; 253 páginas.

Este livro oferece um sistema de treinamento completo para desenvolver a arte de falar em público e a capacidade de persuasão. Dorothy Leeds, uma das mais

eloqüentes oradoras americanas, ensina como desenvolver a oratória, a postura e a confiança necessárias para alcançar a excelência exigida no contato com o público.